

Anexo 3 – Oficina virtual sobre Educação Não-Formal

Respostas dos Coordenadores dos Projectos Escolhas

Ref.	Texto
1	<p>Levando em consideração a noção de que a educação pode ser ministrada e adquirida de várias formas e meios, bem como a realidade e o contexto social em que vivem as comunidades que são contempladas com propostas e projectos sociais, a educação não-formal faz-se presente nas mais variadas formas para tentarmos chegar aos nossos objectivos educacionais, quer seja pelas experiências vividas pelos nossos jovens, quer seja pelas nossas próprias experiências, onde são colocadas em discussões e reflexões críticas. Muitas vezes partimos do princípio de privilegiar as necessidades dos nossos jovens como anseios e desejos futuros, para isso, a integração dos jovens e familiares em actividades não-formais poderá ter uma intenção, possibilitando um processo informal onde os conhecimentos intrínsecos serão de grande importância para a interacção.</p> <p>Neste contexto concordamos que Trilla Bernet tem razão quando diz " El conjunto de procesos médios e instituciones específica y diferenciadamente diseñados en función, q no están directamente dirigidos a la provision de los grados propios del sistema educativo reglado".</p> <p>Por exemplo na formação em informática são considerados os interesses dos alunos quanto as actividades aplicadas em datas comemorativas, onde deixamos que os alunos usem da sua criatividade e imaginação na produção de textos inéditos ou não, mas sempre explorando os seus conhecimentos pessoais passados por exemplo para texto seguindo as regras da língua portuguesa e do programa de computador.</p> <p>A educação não formal insere-se no âmbito das várias actividades do nosso projecto (...), nomeadamente no estudo apoiado, na medida em que assume um carácter educativo, mas não institucionalizado, também até porque no Verão esta actividade ganha um carácter mais lúdico, proporcionando a continuação dos estudos de maneira descontraída e prazerosa.</p> <p>As actividades lúdico-pedagógicas têm um carácter pedagógico, sendo que as acções são planificadas e realizadas de uma forma lúdica, permitindo trabalhar várias competências identificadas como estando em falta nos jovens. Na opinião da nossa equipa o projecto (...) promove uma educação essencialmente não-formal com laivos de educação informal.</p>
2	<p>A equipa entende que, no nosso contexto específico, a educação não-formal engloba um conjunto diversificado de práticas educativas intencionais e organizadas, orientadas para o desenvolvimento de competências pessoais e sociais favoráveis à plena integração na comunidade e na sociedade.</p> <p>Estas práticas desenvolvem-se em vários contextos, o mais próximo possível das experiências quotidianas dos destinatários, inclusivamente no contexto escolar, constituindo-se como prática pedagógica alternativa que enriquece aprendizagens e práticas pedagógicas formais.</p> <p>O projecto valoriza a ligação escola-família-comunidade e procura considerar este trinómio no planeamento das actividades. Situamo-nos muitas vezes no interface entre os 3 domínios da classificação tripartida apresentados no texto. Tentamos "mesclar" aprendizagens mais formais com outras não formais, mas também partimos muito das aprendizagens informais para intervir de uma forma mais sistemática.</p> <p>A educação não formal é, como define o Conselho da Europa, um processo de aprendizagem social de atitudes e valores que consubstanciam o saber-ser e o saber-conviver, embora não seja necessariamente uma actividade educativa "descolarizada".</p>

<p>3</p>	<p>A Educação Não -Formal, pode parecer um conceito ambiguo à priori, contudo faz parte da organização do nosso dia-a-dia pois, a aplicabilidade directa dos nossos princípios, técnicas de intervenção e avaliação são feitas numa base de Educação não-formal junto do publico-alvo.</p> <p>O projecto (...), tal como todos os outros projectos ,sente essa necessidade de aplicação, embora, cada equipa técnica e de acordo com os particularismo de cada projecto, fará sempre a sua intervenção em termos da aproximação ao publico-alvo e junto da comunidade em geral consoante as suas estratégias específicas.</p> <p>A Educação Não Formal ,tende a funcionar quase como uma dualidade de principios, baseados na flexibilidade e responsabilidade (cumprimento de objectivos) que no seu todo, pode significar a eficácia a nível do trabalho social.</p>
<p>4</p>	<p>A educação é um dos requisitos fundamentais para que os indivíduos tenham acesso a um conjunto de bens e serviços disponíveis na sociedade. Ela é um direito de todos os seres humanos, como condição necessária para usufruirmos de outros direitos constituídos numa sociedade democrática. Por isso, o direito à educação é reconhecido e consagrado na legislação de praticamente todos os países e particularmente, pela Convenção dos Direitos da Criança das Nações Unidas.</p> <p>Geralmente define-se a educação não-formal como uma ausência, em comparação com a escola, tendo a educação formal como único paradigma, como se a educação formal escolar também não pudesse aceitar a informalidade, o “extra-escolar”.</p> <p>A educação não-formal é vista pela sua especificidade e não por ser uma oposição à educação formal, assim este conceito de educação é sustentado pela Convenção dos Direitos da Criança que ultrapassa os limites do ensino escolar formal e engloba as experiências de vida e os processos de aprendizagem não-formais, que desenvolvem a autonomia da criança.</p> <p>Toda educação é, de certa forma, educação formal, no sentido de ser intencional. O espaço escola é marcado pela formalidade, pela regularidade e pela sequencialidade. O espaço fora da escola (no nosso caso, o Centro Lúdico-Pedagógico) é caracterizado também pela regularidade de forma intencional e em simultâneo, pela eventualidade e pela informalidade. Aqui, a educação não-formal é também uma actividade educacional organizada e sistemática, mas fora do sistema formal.</p> <p>Na educação não-formal, a categoria espaço é tão importante como a categoria tempo. O tempo da aprendizagem na educação não-formal é flexível, respeitando as diferenças e as capacidades de cada um, sendo esta uma das características tida constantemente em conta no [projecto]. Logo, a educação não formal aplicada no [projecto] está fortemente ligada à educação para a cidadania e à participação em actividades grupais, que culminam em múltiplas oportunidades de aprendizagem. Um grande e mais valioso exemplo é o espaço denominado Cid.Net. que permite que as novas tecnologias da informação proporcionem novos espaços de conhecimento, promovendo a igualdade de oportunidades.</p>
<p>5</p>	<p>A Educação não formal no contexto do nosso projecto (...) pode ser definido como: Um conjunto de actividades, acções ou programas organizados e planeados fora do sistema regular de ensino (apesar de algumas das nossas actividades ocorrerem dentro de algumas instituições de ensino) com objectivos educacionais definidos. Algumas actividades são ministradas em complemento com as escolas com vista à reintegração dos alunos na escola, à promoção do sucesso educativo e á maior co-responsabilização numa cidadania mais participativa, bem como desenvolver competências pessoais e sociais.</p> <p>No âmbito do nosso projecto desenvolvemos algumas acções que permitem, através do desenvolvimento de espaços criativos dinamizar actividades ocupacionais que promovem a integração comunitária e o desenvolvimento de competências pessoais e sociais, como por exemplo o "Crescer em Movimento", "Clube de Filhos", e "Clube de Pais" direccionados para jovens e adultos em risco.</p>

6	<p>Em equipa definimos a educação não-formal no contexto do nosso projecto da seguinte forma:</p> <p><i>Um espaço de encontro entre pessoas com diferentes experiências em diferentes estados de crescimento e aprendizagem crianças, artistas, professores, técnicos, auxiliares educativos um lugar muito desejado entre artistas-formadores e crianças-artistas um espaço físico reconhecível um espaço afectivo precioso um espaço diferente com formas de estar e fazer diferentes um espaço intenso de estar com o outro que se vai construindo a cada encontro um encontro que se prolonga para além do encontro que transborda o seu espaço físico que continua lá fora e depois com caras mais crescidas e os mesmos sorrisos Um espaço de descoberta que não se encerra em si...</i></p>
7	<p>O nosso projecto centra-se na quase totalidade da população de um bairro municipal (crianças dos 6 aos 10anos; jovens dos 11 aos 24 e famílias) e trabalhamos com as escolas aplicando o conceito "não formal" ou seja, promovemos algumas actividades na escola depois do seu periodo "formal" de funcionamento, articulamos com os directores de turma sempre que nos parece que há "situações peculiares" e depois no nosso projecto....</p> <p>A opinião da equipa passa por "enquanto não formarmos PESSOAS" a EDUCAÇÃO é quase um mito...apesar de advogar-mos que EDUCAÇÃO é um processo continuo e continuado ao longo da vida os individuos.</p> <p>Assim e quase durante seis meses utilizámos e aplicámos, no dia a dia desta população, um tipo de "formação" informal e os resultados estão à vista: ao entrarem na sede do [projecto], grandes e pequenos já tiram os bonés, já dizem bom dia ou boa tarde, já vão descobrindo as palavras "por favor" e "obrigado(a)"... e tudo isto conseguido através de actividades informais, mas repletas de objectivos formativos e educacionais.</p> <p>Estamos neste momento a subir mais um degrau em direcção à educação: no estabelecimento de regras, na construção de uma consciencia cívica e de responsabilização individual, através de uma série de actividades ludico pedagógicas.</p>
8	<p>A educação não formal no contexto do nosso projecto é definida como a principal estratégia e metodologia de trabalho, que suporta todo o conjunto de actividdaes e intervenções, algumas das quais complementares à educação formal (escola). Orientada para a acção e de acordo com objectivos, metas e resultados a educação não formal é de vital importância ao desenvolvimento do nosso trabalho.</p>

9	<p>A educação não formal, tem sido, sem dúvida uma valência importante no âmbito do Projecto (...), já que o público alvo a que se destina, tanto crianças e jovens como famílias aceitam com maior facilidade a indução de informação de forma não formal, assimilando de forma mais eficaz as aprendizagens, nunca esquecendo que estamos a falar de uma população de baixa cultura, estigmatizada e com grandes receios de enfrentar problemáticas e de expor formalmente as suas dúvidas, projectos de vida, problemáticas associadas, etc.</p> <p>Por exemplo, a nível do Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família (GAAF), torna-se muito mais fácil trabalhar determinadas competências de forma não formal, do que num contexto formal de gabinete de consulta psicossocial, uma vez que tantos jovens e crianças como as famílias, vão sentir-se mais a vontade num contexto menos formal e assim conseguem expor-se com maior facilidade e clareza, o que vai permitir um acompanhamento mais eficaz. Ou seja, todas as sugestões e informações dadas pelos técnicos de forma não formal, vão ser acatadas com maior facilidade porque não existe tanta ansiedade e tudo é visto como um “conselho” e não como uma imposição.</p> <p>Desta forma não formal, apesar de existir uma metodologia, objectivos, e formas de intervenção, estas estão como que mascaradas perante o público que pretendemos atingir, fazem grandes aprendizagens sem muitas vezes terem a noção plena disso mesmo. As actividades lúdico-pedagógicas, como o próprio nome indica são o exemplo perfeito de uma boa educação não formal, existe uma organização para atingir um fim e durante esse período fazem-se aprendizagens, adquirem-se conhecimentos e realizam-se reflexões. Tudo isto feito de forma lúdica.</p> <p>Considero que sem o uso da educação não formal nos projectos escolhas, os objectivos nunca seriam atingidos, tendo em consideração as características da população a que se destina. Só através da educação não formal é que nós, técnicos conseguimos chegar aos jovens e às famílias estabelecendo com eles uma relação empática no sentido de promover mudanças positivas associadas a novas aprendizagens que promovem a uma melhor qualidade de vida e uma visão mais ampla de tudo o que nos rodeia.</p>
10	<p><i>Em equipa definimos a Educação Não – Formal da seguinte forma:</i></p> <p>A educação não – formal assume um papel preponderante no projecto (...), o projecto é implementado através de oficinas de trabalho dirigidas a crianças e jovens, nomeadamente nas áreas do desporto, da música, expressão plástica, competências, oficina prevenir, reforço pedagógico, teatro, dança, temas, espaço Cid@net entre outras actividades que são dinamizadas com as nossas crianças e jovens.</p> <p>A educação não formal surge como alicerce na concretização dos nossos objectivos, as planificações são efectuadas de acordo com o nosso público-alvo, os objectivos a atingir nas oficinas de trabalho são essencialmente educativos, cognitivos e psicomotores. Pretendemos a assimilação de conhecimentos e habilidades de tipo intelectual e artístico, assim como a formação de atitudes e valores. Valorizamos sempre a educação informal (as experiências de vida, a aprendizagem cultural e vivências familiares, sejam elas qual forem) das nossas crianças e jovens, que são as aprendizagens feitas de forma informal, mas que contribuem para a auto-formação.</p> <p>Implicamos o nosso público-alvo na construção do seu próprio <i>Saber, Saber Ser, Saber Fazer</i>.</p> <p>Para a Equipa do Projecto a Educação não – formal no nosso projecto assume os 3 pontos essenciais:</p> <p>Planificação: metodológica – indo sempre ao encontro das necessidades específicas do público-alvo, através da utilização de métodos e técnicas Activas.</p> <p>Valorização – dos saberes apreendidos na educação formal e informal</p> <p>Aprendizagem – através da experimentação e da realização de actividades lúdico pedagógicas.</p> <p>Em suma, o nosso acróstico define a nossa concepção de educação não formal.</p>

**ADQUIRIR NOVAS COMPETÊNCIAS
LÚDICAS E PEDAGÓGICAS
TRABALHANDO EM GRUPO
ENRIQUECENDO CONHECIMENTOS
REVIVENDO EXPERIÊNCIAS...
NÃO EXCLUIR:
ADICIONAR !
TRAÇAR NOVOS RUMOS
INCENTIVAR A PERTENÇA
VENCER DESAFIOS.
AUMENTAR A AUTOESTIMA
SER CIDADÃO CONSCIENTE!**

11	<p>Desenvolvido no contexto de uma escola (E.B. 2, 3), o nosso projecto recorre em grande medida à educação não-formal como estratégia de intervenção, sendo esta desenvolvida em paralelo com a educação formal.</p> <p>As actividades dinamizadas pretendem intencionalmente alcançar aprendizagens diferenciadas, com objectivos pré-determinados, sobretudo relacionados com o desenvolvimento de competências pessoais e sociais.</p> <p>A educação não-formal apresenta-se, assim, como uma plataforma educativa e complementar ao sistema de ensino regular e escolar, permitindo uma participação voluntária, mas dirigida a determinados grupos, apelando à motivação e centrada nas características de cada um.</p>
12	<p>Apresentaremos, aqui, algumas ideias síntese desta nossa reflexão:</p> <ul style="list-style-type: none">• Embora a educação não-formal esteja presente no nosso trabalho, nenhuma das definições que são apresentadas no texto, relativamente àquele conceito, é suficientemente abrangente para que possamos definir, com base nelas, a nossa intervenção. De alguma forma, o trabalho desenvolvido neste projecto será de carácter não-formal na medida da sua intencionalidade, dos seus conteúdos e dos métodos utilizados para se atingir os objectivos a que nos propomos;• Se a educação informal inclui a espontaneidade da educação, e se, nessa espontaneidade, pudermos incluir a espontaneidade da relação – ou seja, a afectividade essencial à criação de referências que tornam a educação um acto humanizado e não institucionalizado – então, o nosso trabalho caberá, em grande medida, na educação informal;

• Se, ainda, pensarmos nos conteúdos escolares/académicos e à sistematização inerente a uma educação de carácter formal, poderemos, igualmente, afirmar que a parte da nossa intervenção que é dirigida ao apoio escolar será, por vezes, tendencialmente mais formal.

• Colocadas estas premissas, da nossa reflexão conjunta surgiu um entendimento do nosso trabalho como podendo ser colocado no âmbito do que seria uma educação de carácter global, em que a relação se estabelece ao serviço de metodologias alternativas de aprendizagem e de objectivos específicos a atingir, no sentido da promoção de um crescimento e de um desenvolvimento mais competentes – física, pessoal, social e cognitivamente – das nossas crianças e adolescentes.

Criámos um esquema que tornasse mais claro para nós – pela visualização – o modo como concebemos a integração da educação formal, informal e nãoformal no nosso projecto. Deixamo-lo aqui, esperando que ajude a clarificar o resultado nesta nossa reflexão.*

* ver PDF

13 No âmbito do Projecto (...), pode dizer-se que grande parte das actividades desenvolvidas estão enquadradas naquilo que genericamente se designa de Educação Não Formal nos textos de apoio disponibilizados.

Tendo em conta as problemáticas identificadas, nomeadamente as associadas ao insucesso escolar e abandono escolar precoce, temos procurado criar/adaptar/desenvolver/aplicar estratégias que contribuam para o desenvolvimento de competências que ajudem a estruturar percursos de vida que se afastem de padrões de vulnerabilidade. Por um lado, pretendemos aplicar estratégias que se constituam como alternativas ao tipicamente desenvolvido em contexto escolar, mas que permitam atingir o mesmo fim, por outro lado, que sejam complementares e permitam desenvolver outras competências igualmente pertinentes, tendo em conta as características da sociedade actual e aquilo que tendencialmente é valorizado. Um exemplo de actividade que procura introduzir estratégias alternativas de aprendizagem são os Ateliers Lúdico-Pedagógicos ou o nosso CID Didáctico, onde através do recurso ao jogo e à brincadeira procuram trabalhar-se as temáticas escolares. No que se refere às estratégias complementares, estas aparecem, por exemplo, nos Programas de Competências que desenvolvemos em contexto escolar ao nível dos 1º e 2º ciclos e cujo principal objectivo, no caso do Projecto (...), está relacionado com o controlo da agressividade e a prevenção de comportamentos de violência em contexto escolar. Estes são apenas alguns exemplos, já que no Projecto são dinamizadas cerca de 20 actividades com as características referidas anteriormente.

O motivo para um leque tão diversificado de actividades está obviamente relacionado com as necessidades identificadas no contexto específico que é o Bairro de Povos (Espaço) e com a participação cada vez mais activa dos destinatários do projecto, figuras centrais nos processos de planificação, execução e avaliação das acções. A conjugação de problemas e necessidades, por um lado, com os projectos e ambições dos nossos jovens destinatários, por outro, exigem que as actividades criadas sejam devidamente enquadradas e que, ao longo do tempo, contribuam para a experiência de um sentimento de evolução e crescimento pessoal, sendo a motivação dos participantes obviamente um motor para a continuidade das acções. O rigor na sua organização e estruturação, tal como é conceptualizada a Educação Não Formal, é também um requisito, sendo desta forma mais fácil avaliar processos e resultados e ir controlando certas variáveis, prováveis de contribuir para a não concretização dos objectivos previamente definidos.

E no que se refere à concretização ou não dos objectivos, não podemos deixar de fazer igualmente referência ao tempo, no caso dos projectos quase sempre sentido como

muito limitado em termos práticos de intervenção, tendo em conta a complexidade dos problemas identificados. No caso dos nossos projectos, “a diminuição do insucesso escolar”, por exemplo, nem sempre é um objectivo fácil de concretizar no tempo limitado de execução dos projectos, já que por vezes estão implicadas competências difíceis de adquirir na fase de desenvolvimento em que os destinatários se encontram, ou o sentimento de insucesso pessoal já está rigidificado. Importa avaliar o insucesso de uma forma global, perceber que outras variáveis intrínsecas e extrínsecas estão implicadas, analisá-las, operacioná-las e valorizá-las no contexto de vida do indivíduo.

Apesar de no âmbito do Projecto (...) nos identificarmos globalmente com a conceptualização efectuada relativamente à Educação Não Formal e a considerarmos vantajosa tendo em conta as características do contexto e da população destinatária, não negligenciamos as abordagens formais e informais. Até porque muitas vezes não é fácil estabelecer limites claros entre as diferentes perspectivas e porque em certas circunstâncias é mais vantajoso pensar em métodos/estratégias que se baseiam numa ou noutra abordagem.

14 Depois de lermos o texto a nossa equipa teve que alterar algumas ideias que tinha acerca do tema, no entanto mantivemos as principais.

Sendo assim, para nós a educação não formal sempre fez parte dos processos de aprendizagem, isto porque se diferenciava da informal pela intencionalidade e, da formal pela certificação. No entanto, a não formal pode ser reconhecida e por vezes mais eficaz, mais próxima do indivíduo e maior promotora da mudança. Mudança que implica grande parte das vezes comportamentos ou atitudes, a transmissão de valores. Esta perspectiva reforça a ideia de que qualquer instituição ou pessoa pode realizar, promover um processo de educação não formal, inclusive as instâncias de educação formal.

Pensamos que aquilo que aconteceu com a descoberta da educação não formal, foi, aí sim a formalização do não formal, a descoberta de um processo paralelo de ensino que sempre existiu.

15 O texto sobre educação não-formal fez a equipa "teorizar" um pouco sobre algo que é uma prática diária no nosso projecto, fazendo-nos elencar uma série de características das nossas actividades. Estas actividades não são um fim em si próprias, mas uma estratégia, um meio, para se atingirem determinados objectivos. De uma forma sistemática, apresento aquilo que nos parece caracterizar a educação não-formal no projecto:

- actividades "extra-sala de aula", uma vez que ocorrem na escola, mas fora do contexto de aula e, portanto, fora do contexto formal de ensino;
- actividades estruturadas e/ou semi-estruturadas, na medida em que, apesar de não haver um programa, um espaço e um tempo muito rígidos (há a possibilidade de se fazer a mesma actividade em sítios diferentes e acordar horários de acordo com as solicitações), existe um conjunto de objectivos e estratégias definidos (com um grau de estruturação diferenciado, dependendo da actividade). Estas estratégias são flexíveis porque se procuram ajustar ao processo e às características de cada um, pelo que são actividades "(semi)estruturadas e plásticas";
- actividades que pretendem constituir-se como um complemento ao sistema formal de ensino, procurando consolidar algumas competências escolares mas, sobretudo, algumas competências pessoais e sociais. Efectivamente são actividades que têm uma missão alicerçada no pessoal e social;
- actividades que se centram nas competências (saber-ser e saber-fazer, sobretudo) e não nos conteúdos ou conhecimentos teóricos;
- actividades em que a relação pedagógica é fundamental, centrada na proximidade, nos afectos, considerando cada participante / aprendiz enquanto actor no seu processo de aprendizagem e não um mero receptor passivo de "ensinamentos";
- actividades cuja participação é livre e baseada nos interesses dos nossos destinatários, o que faz com que estes participem, sobretudo, por uma motivação intrínseca.

	<p>Mas olhando para o projecto de uma forma mais abrangente, conseguimos perceber que temos também as outras "modalidades de educação". A formação no CID aproxima-se mais do modelo de educação formal, havendo um programa mais rígido e a atribuição de uma certificação no final, mediante a frequência e as aprendizagens. E a nossa abordagem geral, pela relação que construímos com os jovens, também tem subjacente as bases da educação informal, na medida em que, no contacto diário com os jovens, veiculamos uma série de informações e saberes de uma forma não intencionada ou planeada.</p>
<p>16</p>	<p>Após uma reflexão em conjunto, a equipa técnica do Projecto (...), chegou a determinadas conclusões.</p> <p>A educação não formal é toda a actividade organizada, sistemática, educativa, realizada fora do marco do sistema oficial (escola) para facilitar determinadas classes de aprendizagem a subgrupos particulares da população, no caso do “nosso” projecto a crianças e jovens dos 6 aos 18 anos e respectivas famílias de contextos socio-económicos desfavorecidos.</p> <p>Deste modo, a educação não-formal é sem dúvida um dos conceitos que acompanha o Projecto (...) no seu dia-a-dia.</p> <p>Para a equipa do projecto a educação não-formal surge como uma resposta educativa para superar os problemas não resolvidos no sistema formal do ensino. No Projecto, mais concretamente na Sala de Estudo, tentamos oferecer uma resposta minimamente estruturada a um determinado grupo de indivíduos que a educação formal (escola) não consegue responder, ainda que dentro dos conteúdos programáticos das diferentes disciplinas, todo o relacionamento da equipa com as crianças ou mesmo o método de ensino é totalmente diferente do quadrante escolar.</p> <p>As acções de sensibilização são outra actividade que destaca a educação não-formal. Neste espaço, os destinatários são colocadas perante nós de forma extremamente informal, confortável e descontraída, onde se discutem os mais variados temas escolhidos por eles ou propostos pela equipa e deste <i>modus operandi</i> as crianças entram nos debates, interessam-se e aprendem “mesmo sem querer”. Deste modo, estimulam-se as sinergias vivas que estão “dentro” das pessoas, apostando sempre nos valores e saberes de cada indivíduo.</p> <p>Através dos ateliers dinamizados do Projecto são utilizadas práticas não formais, levando as crianças/jovens a participarem e executarem activamente.</p> <p>Os objectivos do Projecto identificam-se com os da Educação não-formal, que corresponde a qualquer actividade educacional fora do sistema formal estabelecido – quer operando separadamente, quer como uma importante componente de uma actividade mais vasta – cujo fim é levar potenciais crianças/jovens a atingir determinados objectivos de aprendizagem. No caso vertente, o Projecto pretende servir os interesses de crianças/jovens e seus familiares a adquirirem novas e mais competências que os ajudem a ultrapassar os seus problemas. Educar e intervir na mudança Social.</p> <p>A educação formal ocorre em diferentes contextos, no caso do Projecto (...) em todas as actividades, não colocando de parte as práticas adquiridas na educação formal (escola) e informal (família).</p>
<p>17</p>	<p>Todo o desenvolvimento do projecto (...), na nossa opinião, contempla um sistema de aprendizagem não formal, na medida em que prevê um conjunto de actividades com uma intenção muito clara e objectiva, com uma estrutura bem definida e que acontecem de forma contínua e sistemática. No entanto, distinguindo-a de um contexto mais formal, as actividades e estratégias utilizadas decorrem num formato centrado nas necessidades de cada criança, cada jovem e cada família que vem ao nosso encontro.</p> <p>Pensamos que um desafio da educação não formal eficaz, é precisamente a sua capacidade de se centrar no indivíduo e de conciliar "o tempo da intervenção" com "o tempo dos indivíduos" a quem queremos chegar.</p>

Nesta medida, é de extrema importância o envolvimento dos nossos jovens e das nossas famílias nas estratégias que queremos implementar e aprendermos a FAZER COM e não para. Este é, no nosso entender, outro desafio da educação não formal, que se relaciona estreitamente com o primeiro. Precisamos respeitar os tempos de cada um, dos grupos e das comunidades e angariar respostas às suas verdadeiras necessidades. E só o conseguimos fazer se o percurso for a par e passo.

Neste percurso, a relação que é estabelecida entre a equipa técnica e os destinatários é fundamental. Sentimos que esta é uma etapa, que se não estiver bem consolidada, não é possível avançar. No estabelecimento da relação julgamos que a educação não formal também ganha especial importância.

Os espaços de atendimento individual e personalizado, criados e dinamizados no âmbito do projecto, reforçam a centralidade das respostas nos indivíduos e nas suas necessidades e a adaptação de respostas individuais. Permitem ainda uma melhor aferição das respostas aos grupos e às comunidades.

A actuação do grupo de mediadores, quer dos jovens, quer das famílias, privilegia um canal de comunicação não formal – a comunicação entre pares – para a passagem da (in)formação pretendida. Parece-nos uma metodologia mais eficaz para uma verdadeira assimilação ao nível das competências pessoais, sociais e parentais.

As oficinas de teatro, dança e capoeira são estratégias não formais, muito atractivas para os jovens, que permitem um trabalho ao nível da valorização das diferentes culturas, do diálogo intercultural, do próprio auto-conhecimento e da auto-estima.

A não obrigatoriedade de frequência das actividades, reforça a motivação e interesse dos jovens participantes, dando-nos um feedback directo do sucesso/ insucesso das iniciativas.

Os espaços do projecto disponibilizam recursos para uma aprendizagem individual e livre, embora orientada pela equipa.

No âmbito do projecto, existem actividades claramente complementares ao sistema escolar, com um cariz não formal, que são encaradas como uma resposta alternativa mais eficaz, nomeadamente no que se refere à actuação do nosso *agente para a formação profissional* com jovens que não se identificam com o sistema formal de ensino, e estão em situação de insucesso ou abandono escolar.

Na área das novas tecnologias de informação e comunicação é também dado aos jovens, um papel central na decisão das temáticas que servem como pano de fundo para trabalhar a ferramenta informática e adquirir as competências pretendidas. Aqui, os jogos pedagógicos assumem um papel muito importante do ponto de vista educativo, na medida em que são muito atractivos e transmitem a mensagem de forma clara e objectiva.

Os horários de uso livre, com orientação, facilitam o estabelecimento da relação de proximidade com a monitora e a transição para os programas de formação. No desenvolvimento destes programas são adoptadas metodologias não formais, centradas na aprendizagem activa por parte do jovem.

18 Acreditamos que a Educação (formal, não-formal ou informal) assume um papel privilegiado no processo de desenvolvimento de qualquer Ser Humano.

A maioria do público com o qual trabalhamos, tem percursos de insucesso na educação formal, pelo que, o recurso à aprendizagem não-formal é assumido por nós como uma forte estratégia de inclusão.

Todas as actividades desenvolvidas no projecto (grupos de desenvolvimento competências, Grupo de Pais, Actividades lúdicas, Cid@net...) espelham-se nas premissas da educação não-formal. Tentamos criar um clima de constante desafio e motivação, através de situações que provoquem interesse neste tipo de público, pois consideramos que

cada um destes jovens, e adultos são um mundo em si mesmos. Logo, a melhor estratégia passa por ir ao encontro dos seus interesses, vivências e não aplicar fórmulas gerais. É nossa preocupação constante, a criação de um clima de segurança, de compreensão-empática, respeito pelas diferenças e capacidades de cada um, pois só assim acreditamos ser possível a realização de verdadeiras aprendizagens significativas.

O nosso propósito final passa, sobretudo, pelo proporcionar aprendizagens que provoquem modificações, tanto nos jovens como nos pais, no seu comportamento e atitudes, assim como o desenvolvimento de competências que os ajudem a formular os seus próprios projectos de vida.

Após pesquisa das diferentes definições de educação não-formal, encontramos uma, que consegue retratar a ideia chave da intervenção no [projecto]:

“Educação não-formal designa em processo de formação para a cidadania, de capacitação para o trabalho, de organização e de aprendizagem dos conteúdos escolares em ambientes diferenciados.” Maria da Glória Gohn (1999:98:99)

19 Começámos as nossas Oficinas Virtuais e isso conduziu desde já, a que a equipa do Projecto conseguisse arranjar um tempo (que nunca existia!) para discutirmos um assunto de um ponto de vista mais teórico. Tivemos que responder ao questionário e depois ler os textos para numa 3ª fase transpô-los para as nossas vivências pessoais e profissionais. Foi positiva esta tarefa, apesar da azáfama que para aqui vai!

Mas entrando no tema, que provocou uma discussão acesa e nalguns casos, incluiu negociações de opiniões queremos referir que ficou bem claro para nós, **a distinção dos 3 conceitos** (Educação Formal; Educação Não Formal e Educação Informal), ainda que tenha sido difícil as tais fronteiras ténues que a “trilogia” encerra (essencialmente entre a Educação Não Formal e a Informal).

Outra opinião que gostaríamos de partilhar é que apesar da maioria das teorias apresentadas terem algumas semelhanças e todas seguirem um raciocínio lógico, aproximámo-nos mais dumas do que de outras, nomeadamente da autora Trilla-Bernet. Esta preferência diz respeito a um aspecto que foi muito discutido entre nós, a **Cultura** de cada pessoa e país. Como se viu esta controvérsia sobre os tipos de Educação, surgiu essencialmente porque os modelos de educação falharam nos países ditos “sub-desenvolvidos” (África e América Latina). Será que hoje, passados cerca de 30-40 anos não alargáramos esta questão para os países ditos “desenvolvidos”? Lançamos esta questão.

Trilla Bernet refere, segundo a nossa leitura do que a autora diz, que a Educação Informal também pode ter intencionalidade e não é separada da cultura e dos valores de cada um. Ora esta ideia, é totalmente condicente com a nossa forma de estar no Projecto (...). Mas acrescentáramos, ao que nos foi dado a conhecer sobre as ideias da autora, que **os 3 tipos de Educação podem existir em simultâneo** - demos-lhe o nome simbólico de Educação Sanduíche (Em camadas simultâneas).

Ainda, referindo-nos a aspectos culturais, segundo a nossa opinião a cultura portuguesa **valoriza** essencialmente a Educação Formal e tem dificuldades de sair das próprias metodologias de aprendizagem mais expositivas (nos casos teóricos) e demonstrativas (nos casos práticos). Há dias uma professora de português comentava connosco:”pus os meus alunos a ler poemas, divididos por grupos de trabalho. Cada grupo tinha uma série de coisas para analisar nos seus poemas, mas uma aluna virou-se para mim e disse-me: Oh! Stora isto não são aulas! Porque é que não dá a matéria?!”. Dá que pensar...

E esta questão da Educação Formal, muitas vezes associada a uma maior seriedade por parte do Ensino, existe quer nos alunos, quer nos professores (Ex: a formação certificada pela Microsoft é mais valorizada que a formação que fazemos sem certificação). . No entanto, na nossa postura positiva face às coisas, queremos pensar que a “maioria escolarizada” (professores/alunos/formadores/formandos...) começa a sentir a necessidade de gerar Espaço para permitir a entrada da Educação Não-Formal e Informal!

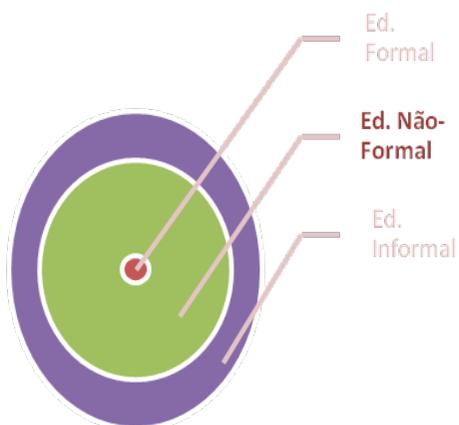
O caso relativamente recente dos Centros de RVCC (Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências), fez o caminho inverso: valorizando a Educação Não-Formal das pessoas, reconhece-a e certifica-a. Será que isto revela a tendência para se querer fazer mudanças?!! (isto, talvez inclua outras discussões?!).

O Projecto assenta essencialmente na Educação Não-Formal. Partimos de um Contexto/Sistema Formal (a Escola) sendo o nosso objectivo central o sucesso escolar e a integração social mas através da Educação-Não formal e até mesmo Informal.

Contudo, a Equipa sente muitas vezes que a generalidade dos que nos rodeiam (comunidade escolar) tem dificuldades em reconhecer a Educação Não-Formal (ex.: Ateliers de Expressão Dramática, Hora Virtual (Escola Virtual), Actividades de Enriquecimento, etc.) **mesmo quando** percebem que há conteúdos e competências que se adquirem mais eficazmente através deste tipo de Educação. Por ex., trabalhamos com professores que têm dificuldade em aceitar e reconhecer que determinados alunos estão mais motivados e aprendem mais e melhor através das Novas Tecnologias (por exemplo recorrendo à Escola Virtual na sala de aula) do que simplesmente com o ensino tradicional.

Outro exemplo, um teatro realizado por uma professora do Projecto com uma turma de 7º ano, sobre o tema da sexualidade foi muito mais produtivo e conduziu a boas aprendizagens acerca do tema, do que se tivessem realizado simplesmente um trabalho. Ficaram a saber mais sobre o assunto e além disso o teatro (construção das cenas e preparação da peça) contribuiu imenso para a auto-estima e autonomia daqueles jovens (Educação Informal), mas a participação de outros professores da turma foi sempre considerada desnecessária numa “simples” peça de teatro! (onde podíamos ter a participação da Prof.^a de Língua Portuguesa (correção do português empregue no guião da peça), participação do professor da Educação Visual (na construção dos cenários), e outros tantos professores .

Em suma, que já nos alongámos, para as pessoas que constituem a equipa do Projecto (...) a Educação que fomentamos é traduzida no seguinte esquema:



A Escola é onde nos encontramos e donde partimos (**Educação Formal**), recorreremos essencialmente à **Educação Não-Formal** e como valorizamos a 100% o poder da relação (pessoa-pessoa) a **Educação Informal** abarca todo o nosso trabalho no Projecto.

<p>20</p>	<p>A equipa técnica do projecto (...), após cuidada reflexão, chegou a uma conclusão consensual. Ora vejamos:</p> <p>No contexto do projecto (...), entendemos ser a educação não-formal o conjunto de acções e/ou actividades planeadas, intencionadas, dirigidas a grupos específicos, nos seus contextos de vida, através de metodologias participativas e centradas nos interesses dos participantes. Esta forma de educação procura promover uma série de competências pessoais e sociais, baseadas nos valores, com vista à integração social e comunitária.</p> <p>Podemos então elencar, a título de exemplo, as acções que procuram elucidar acerca da Segurança Doméstica, dos Primeiros Socorros e da Higiene Alimentar, acções relacionadas com as práticas educativas e parentais e com os padrões de relacionamento e comunicação familiar - mediação familiar, entre outras.</p>
<p>21</p>	<p>A nossa questão de partida é:</p> <p>Como se define/promove Educação Não Formal num contexto escolar – a sede da Educação Formal?</p> <p>Por um lado, com o desenvolvimento de actividades dentro do “espaço escola” onde propomos colaborar/apoiar o sistema de ensino formal na resolução de situações/problema que, sozinho não consegue ultrapassar devido às suas características organizacionais, nomeadamente ao nível da promoção de competências cognitivas (nas crianças /jovens com dificuldades de aprendizagem) e desenvolvimento de competências pessoais e sociais (nas crianças/jovens com sinalizações efectuadas a nível comportamental e emocional) e ainda promoção de competências parentais (nos pais/mães/encarregados de educação das crianças sinalizadas).</p> <p>Neste sentido, procuramos ser um complemento ao sistema de ensino formal e desenvolvemos educação não formal quando utilizamos “práticas estruturadas, organizadas e orientadas” para a aprendizagem, como sejam o apoio psicopedagógico, acções de sensibilização e visionamento de filmes sobre determinadas temáticas, programas de rádio, sessões de educação parental, grupos de reflexão para pais.</p> <p>Aqui concordamos que um dos critérios que delimita as fronteiras entre a Educação Formal e Educação Não Formal reside no carácter metodológico, dado que podemos utilizar metodologias e estratégias de intervenção que “se distanciam dos procedimentos convencionalmente escolares”. Também o carácter estrutural da instituição escolar condiciona o tipo de intervenção que se realiza pelo que, o Consórcio do Projecto, constituídos por Instituições Particulares de Solidariedade Social e Cooperativas tem outro carácter de intervenção e pode complementar o processo educativo e suprir necessidades educativas.</p> <p>De referir que a Educação Formal tem sempre uma sede, e que normalmente não ultrapassa os limites do espaço escolar, sobretudo por questões organizacionais, enquanto que, a nossa actuação ao nível da Educação Não Formal ultrapassa claramente estes limites, dado que procuramos e trabalhamos com os destinatários das nossas actividades (crianças/jovens e pais) no seu contexto através de visitas domiciliárias.</p> <p>Por outro lado, e Educação Não Formal está claramente presente quando desenvolvemos actividades fora do “espaço escola” (nos períodos de interrupção lectiva) onde incrementamos “práticas educativas ou experiências de aprendizagem de ocupação de tempos livres” através da dinamização de oficinas de arte, música, fotografia, desporto.</p> <p>Assim, no Projecto (...), a Educação Formal e Educação Não Formal cruzam-se no que se refere ao seu carácter de intencionalidade e complementam-se, diferindo sobretudo ao nível da utilização de metodologias e estratégias.</p> <p>De salientar que o carácter organizacional da Instituição escolar consegue, por vezes, condicionar e delimitar, dentro do espaço escola, o caminhar da Educação Não Formal para distâncias maiores e numa perspectiva contínua.</p>

22	<p>Uma ferramenta, (senão a ferramenta) que nos permite atingir um dos objectivos que é transversal a todo o Programa Escolhas, o combate à exclusão social.</p> <p>Mesmo em equipa, a heterogeneidade das interpretações, depois de termos lido o texto, levou a diferentes perspectivas de quais seriam os limites da Educação Não Formal.</p> <p>No entanto, todos concordamos que, quaisquer que sejam os limites que diferenciam a Educação Não Formal da Educação Formal e da Educação Informal, a sua importância dentro do projecto sempre foi reconhecida como um instrumento de muita utilidade para a aquisição de competências que de outra forma a nossa população alvo não teria acesso ou oportunidade de obtenção.</p>
23	<p>Educação formal, não formal e informal, são-no evidenciados como conceitos distintos, quer pelos seus critérios de duração, universalidade, instituição, estruturação, ou metodológico e estrutural, quer por outros indicadores.</p> <p>Considera-se que, a Educação Formal – a mais associada ao ensino tradicional, com disciplinas curriculares, avaliação contínua e existindo uma hierarquia professor/aluno. É institucionalizada, cronológica, hierarquizada e estruturada desde o 1.º ciclo à universidade. Este tipo de aprendizagem decorre em instituições de ensino e formação, o que conduz a diplomas e qualificações reconhecidas. A Educação Não – Formal, rege-se pela orientação da educação formal, no entanto, é mais liberal e espontânea. Embora, surgindo de forma organizada e estruturada, aparece normalmente fora do contexto formal de ensino, tendo em conta necessidades específicas e sendo mais participativa com os indivíduos. A Educação Informal, expressão livre e completamente espontânea, bem como dinâmica, acontece pela experiência do quotidiano, surgindo da relação com os outros, acabando por ser um processo natural da socialização. É um longo processo, onde se reconhece sabedoria através da experiência de vida, sendo feita de uma forma inconsciente e intencional.</p> <p>Consideramos que a abordagem dos três conceitos de Educação devem assentar num princípio a complementaridade, isto é, numa lógica de aprendizagem contínua ao longo da vida.</p> <p>De facto, hoje já há um reconhecimento desta lógica, na medida em que o Estado, através de Projectos como o Escolhas, procura implementar acções potenciadoras de educação não- formal, podendo realizar-se em estruturas do próprio sistema de ensino (...), e também com objectivos definidos, sejam eles: <i>o combate ao analfabetismo, literal ou funcional, o contribuir para a igualdade de oportunidades educativas e profissionais dos indivíduos que não tendo frequentado, ou tendo abandonado precocemente, possam ter acesso a formação profissional, e por outro lado, promover a adaptação à vida contemporânea, mediante o desenvolvimento de aptidões tecnológicas e de saber técnico, o assegurar a ocupação criativa dos tempos livres com actividades de natureza cultural, favorecendo atitudes de solidariedade e de participação na vida comunitária.</i></p> <p>Projectos com as medidas preconizadas pelo Escolhas, têm no nosso entender este princípio da complementaridade em conta.</p> <p>No caso particular do nosso projecto (...), o conceito de Educação Não – formal, assume vital importância, do qual podemos destacar, acções que potenciam os objectivos atrás referidos, o exemplo da Oficina de Apoio Juvenil, no apoio ao estudo e dinamização de actividades extra- curriculares, o Espaço- Debate, as Sessões de Informação, todas as actividades pontuais lúdicas e pedagógicas, a animação de rua e as dinamizadas através do CIDNET.</p> <p>Outra reflexão importante, decorre da evolução do conceito de educação. Consideramos que este está mais amplo e menos formal, do que o de ensino, tendo uma dimensão mais pluridimensional, o que lhe confere um carácter mais formativo e mais orientado para os destinatários ao longo da vida.</p> <p>Na verdade novos espaços, actividades consideradas como sendo Educação não- formal (exº espaços de Internet, clubes de cidadania, actividades extra curriculares, etc., que</p>

	<p>funcionam na escola, num espaço formal), contribuíram no nosso entender para que ganhassem mais importância, pelo que o conceito de educação formal, isto é sistema de ensino escolar, evoluiu também nesse aspecto.</p> <p>Deste modo começa a ser visível, e o Programa Escolhas repercute-se nesse aspecto, que há mais autonomia nas escolas, ou seja, espaços de Educação formal. Torna-se assim um conceito mais aberto, pois estas começaram a assumir outros projectos educativos, que complementam a formalidade, daí surgirem projectos que têm em conta realidades sociais, culturais e pessoais dos vários destinatários escolares, complementando com as orientações curriculares definidas. Neste sentido, são fruto do reconhecimento da Educação Não- Formal.</p> <p>Em suma, o papel da Educação não- Formal é de fulcral importância, na medida em que faz com que haja uma complementaridade com o formal e informal, estimulando capacidades, desenvolvendo competências.</p> <p>Daí que se deva reconhecer, a importância e impacto das qualificações adquiridas dentro do contexto não-formal, e a valorização das actividades extracurriculares e competências adquiridas em aprendizagem não formal, no acesso dos próprios destinatários à sua inserção social, profissional e escolar. Garantindo, por exemplo a dinamização de espaços numa variedade de locais e incluindo educação não formal e informal, como a ocupação dos tempos livres com as tecnologias de informação, como é o caso dos CIDNET do Programa Escolhas, e outros onde se possam realizar actividades de formação cívica para a cidadania com a participação de todos, numa atitude activa de aprendizagem, ou seja, de cidadania democrática.</p>
24	* ver documento completo (mais extenso)
25	<p>O Projecto (...) tem várias actividades no âmbito da Educação Não - Formal. Actividades estas paralelas à Escola, ao sistema de ensino, sendo organizadas, orientadas e estruturadas de acordo com objectivos bem delimitados.</p> <p>Exemplos de Actividades de Educação Não – Formal:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Actividades Lúdico Pedagógicas à quarta-feira à tarde; – Jogos/Dinâmicas de grupo com o grupo - turma na sala de aula; – Visitas Temáticas à Comunidade; – Integração dos Alunos em grupos de Voluntários na Comunidade Envolvente; – Acções de Sensibilização.
26	<p>Foi com muito interesse que a equipa do [projecto] se debruçou sobre a temática da educação não formal. Esta reflexão conjunta trouxe-nos um claro enriquecimento teórico.</p> <p>Da discussão em equipa realçamos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A importância da tentativa de definição dos conceitos (educação formal, não formal e informal) ainda que estes se apresentem como "heterogéneos e não consensuais". • O protagonismo que a educação não formal assume no nosso projecto: a tentativa de transmissão de conteúdos específicos, estruturados, previamente definidos que ocorre ao longo do desenvolvimento de actividades (no espaço Entrelaços ou no domicílio das jovens) no sentido de alcançar um objectivo global. • A eleição de conteúdos específicos para um sub-grupo particular: adolescentes grávidas/jovens mães. <p>Enfatizamos, em particular, a constatação de que a educação não formal, através da inexistência de hierarquia e pelo seu carácter voluntário, permite o estabelecimento de uma relação afectiva que serve de base a uma potenciação de todo o processo de aprendizagem.</p>

27	<p>Os objectivos do projecto identificam-se com os da educação não-formal, que corresponde a qualquer actividade educacional fora do sistema formal estabelecido - quer operado separadamente, quer como uma componente importante de uma actividade mais vasta - cujo fim é promover objectivos de aprendizagem. Para tal, implementamos actividades diversificadas em diferentes contextos (aproveitando os recursos locais), tendo a preocupação de integrar as práticas educativas promovidas fora dos espaços de acção do projecto (oriundas da educação formal, não-formal e informal). Estas actividades, embora não sejam planeadas e implementadas de acordo com as condicionantes do sistema formal de ensino, são estruturadas, organizadas e orientadas.</p> <p>Um desafio que se coloca ao projecto é o da articulação da sua intervenção com a do sistema escolar, no sentido da promoção da inclusão social das crianças e jovens acompanhados. Este desafio é encarado no âmbito do processo natural de socialização dos indivíduos (que se constitui enquanto ponto de partida para a intervenção).</p> <p>Esta questão leva-nos a reflectir sobre as representações e discursos gerados em torno da designada crise da educação escolar, associada à crescente visibilidade social do campo da educação não-formal. Quando nos centramos nesta questão percebemos que os factores geradores desta crise serão amplos e heterogéneos, os quais nos remetem para condicionantes económicas, sociais e político-ideológicas.</p> <p>Abordando a área da educação não-formal, lembramos a emergência dos novos lugares imateriais e virtuais da educação não formal e informal, que configuram o ciberespaço e outros contextos. São estes novos espaços de conhecimento que nós, enquanto equipa, procuramos explorar, potenciando as múltiplas oportunidades de aprendizagem.</p>
28	<p>Encontram-se no documento claramente identificadas as características ontológicas da Educação Não Formal, porém, porque opõe a heterogeneidade à rigidez e personaliza os “agentes” da “comunidade” educativa, a explicitação do conceito de ENF beneficia, de facto, com sacrifício da universalidade à contingência, de uma contextualização.</p> <p>O contexto que nos é proposto é o do projecto. Mas neste, e em conformidade com os objectivos gerais definidos e considerando os resultados previstos, existem outros contextos, múltiplos contextos que podem ser nomes de actividades ou de indivíduos. Daqui, a dificuldade, parece-me, em encontrar uma definição de ENF que se aplique à totalidade do projecto. Ou estaríamos de volta ao chapéu redutor das características ontológicas que a distinguem ou que partilha: intencionalidade, carácter metódico e sistemático, diferenciação.</p> <p>Dito isto, temos ENF em actividades muito distintas, mas há aspectos que me parecem revestir-se da maior importância e contribuir para a valorizar: a participação voluntária exige um esforço de motivação dos participantes; a participação voluntária pode ser motivacional por si mesma; a avaliação é mesmo contínua; todos participam na avaliação; o esforço é premiado; todos se tratam por tu; a actividade é dinâmica; todos participam e criam; as competências e o conhecimento encontram-se a par dos valores; não há lugar para a imposição de qualquer dos três.</p>
29	<p>A Educação Não-Formal, é um tipo de aprendizagem comunitária que decorre paralelamente ao sistema de ensino dirigida a uma população alvo específica, podendo ocorrer em situações formais e informais. No projecto (...) tem um carácter metódico e sistemático, não desvalorizando a intencionalidade e informalidade. Funciona como facilitadora da intervenção da relação com o público alvo e como potenciador de resultados na aquisição de novas competências e na obtenção de projectos de vida concretizáveis. Esta intervenção baseia-se numa pedagogia centrada no indivíduo como um todo, numa prática educativa participativa, com vista ao desenvolvimento do saber-ser e do saber-estar.</p>
30	<p>A partir das diversas definições de Educação não formal, foi-nos possível entender de que se trata de um conceito complexo que deverá ser analisado consoante o contexto onde está a ser desenvolvido.</p>

	<p>Neste sentido, no projecto (...) alguns dos critérios apresentados nas definições parecem-nos um pouco redutores, embora alguns nos façam mais sentido do que outros.</p> <p>Desta forma, iremos apresentar os aspectos que considerámos mais relevantes tendo em conta o nosso contexto de intervenção. Contudo, devido à diversidade de actividades desenvolvidas no projecto, nem todos os aspectos se aplicam às mesmas actividades, os quais tentaremos especificar.</p> <p>A Educação não formal no contexto do projecto (...), pode ser entendida como um conjunto de princípios que regem a nossa intervenção que tem como objectivo constituir-se como uma resposta complementar ao sistema de ensino formal, promovendo competências ao nível pessoal, social, cultural e tecnológico, o que poderá vir ao encontro do motivo de surgimento deste tipo de educação.</p> <p>Contudo, no que diz respeito ao local de desenvolvimento de actividades de educação não formal, parece-nos que a escola poderá ser um contexto promotor deste tipo de educação, uma vez que, cada vez mais as crianças e jovens passam mais tempo neste espaço, assumindo esta escola um novo conjunto de funções que passam pela promoção de competências pessoais e sociais, que nos parecem estar no cerne da educação não formal.</p> <p>Por outro lado, o carácter metodológico e sistemático, parece-nos ser essencial na definição deste conceito, uma vez que, a forma de abordagem de um mesmo assunto poderá ser muito diversificada, utilizando metodologias mais ou menos formais. Assim, no nosso conceito de educação não formal a utilização de metodologias activas e de descoberta e a sua sistematização são fulcrais.</p> <p>Consideramos também que os indicadores da intencionalidade e da definição de grupos específicos de intervenção são importantes no reconhecimento da educação não formal neste tipo de projectos.</p> <p>Em suma, educação não formal para o projecto (...) é um processo multifacetado dirigido a públicos específicos, que utiliza uma metodologia sistemática visando atingir objectivos pré determinados, que implicam um processo de avaliação contínua, através de actividades que podem ocorrer ou não em contexto escolar e que pretendem assumir um papel activo na construção de um projecto de vida adaptado a cada indivíduo, no qual cada um é actor de mudança.</p>
<p>31</p>	<p>O Projecto (...) inclui-se numa lógica de educação não-formal, na medida em que o planeamento de actividades é delineado em função das necessidades e interesses dos destinatários.</p> <p>É feita uma adaptação contínua/sistemática de actividades em função de um grupo e contextos específicos, em que o critério de diferenciação na participação das actividades é baseado na idade dos destinatários e não nas suas competências escolares.</p> <p>A avaliação surge como processo adaptado ao nível dos métodos participados e contínuos, como forma de acompanhamento do próprio processo educativo.</p>
<p>32</p>	<p>Após leitura e discussão em equipa deste tema (Educação Não-Formal), consideramos que a educação não-formal está presente de forma transversal no nosso projecto, sendo utilizada como uma metodologia de trabalho que permite a interacção e participação directa com o público-alvo.</p> <p>Através da educação não-formal procuramos de forma sistemática dar resposta a nível educativo orientando para um contexto de desenvolvimento de competências das crianças/jovens, de forma paralela e complementar ao sistema de ensino formal existente na escola.</p> <p>Actuamos assim, através de práticas educativas, experiências e aprendizagens, tais como, ocupação de tempos livres (OTL), actividades extra curriculares e lúdico-pedagógicas.</p>

	<p>É através da educação não-formal que o projecto (...) promove a inclusão social, permitindo um espírito de cidadania activa que contribui para a sua participação cívica e comunitária.</p>
33	<p>A educação não-formal faz parte integrante do nosso projecto na medida em que temos actividades estruturadas, com uma determinada duração definida, para trabalhar competências pessoais e sociais na nossa população-alvo. Dado muitos dos jovens se encontrarem em abandono escolar, esta é a única forma que temos de promover aprendizagens.</p> <p>A utilização das novas tecnologias é, também, uma ferramenta essencial neste tipo de educação, sendo amplamente utilizada no nosso projecto.</p> <p>Em nosso entender, só através da educação não-formal é que se conseguirá fomentar a inclusão social, que é um dos nossos principais objectivos.</p>
34	<p>A equipa do Projecto (...) discutiu este conceito e concluiu que, embora desenvolvamos um conjunto de actividades que se integram perfeitamente na esfera da educação não-formal, o dia-a-dia apaga essa intencionalidade e assume-as como actividades de simples ocupação de tempos livres, quando elas são muito mais do que isso. Efectivamente, consideramos que a grande parte das actividades extra-escolares que desenvolvemos, de carácter mais ou menos formal e estruturado, não cumprem unicamente o objectivo de retirar os jovens do vazio ocupacional, mas são essencialmente meios estratégicos não institucionalizados utilizados para despoletar nos jovens valores pessoais e sociais, competências dissimuladas e motivação para o processo de aprendizagem.</p> <p>O carácter não institucional da educação não-formal surge no nosso projecto como um meio de despertarmos as muitas potencialidades físicas e intelectuais que os jovens possuem e que, em muitos casos, são sufocadas e inibidas por um sistema formal de ensino, formatado para impor nos jovens um tipo de conhecimento, através de metodologias que não favorecem, em muito, a exteiorização das competências pessoais e sociais intrínsecas a cada um dos jovens.</p> <p>Isto não significa que o Projecto lute contra a escola mas com 'ela' no sentido de credibilizarmos e valorizarmos a educação não formal como um contributo fundamental no processo de desenvolvimento intelectual, pessoal e social dos nossos jovens.</p>
35	<p>No contexto do nosso projecto, a educação não-formal é desenvolvida em todas as actividades, de uma forma organizada, ao ritmo e interesse dos jovens e dentro do tempo/espaço definido, com a finalidade de lhes passar saberes e conhecimentos, trabalhando junto deles competências que por vezes pensam não possuir, levando-nos (a eles e a nós) à reflexão e adopção de metodologias próprias e individuais, para que esses conhecimentos sejam assimilados.</p> <p>Além dos workshops apontados na medida I, também nas actividades lúdicas como, ciclo de cinema temático, atelier de música, atelier de teatro e expressão corporal entre outros, são exemplos da prática da educação não-formal, onde pomos em prática os princípios por nós supra citados.</p>
36	<p>Após a leitura dos textos facultados e da sua discussão entre os elementos que constituem a equipa do projecto tu decides..., são apresentadas, de seguida algumas conclusões.</p> <p>A par da educação formal (escola) e da educação informal (família, relações do quotidiano) o projecto tu decides... procura ocupar um terceiro espaço, no que se refere à educação dos principais destinatário, ou seja, o da educação não formal. Pretende assim, assumir a função de complementaridade face às outras formas de educação.</p> <p>Neste sentido, desenvolvem-se actividades (sistemáticas e intencionais) que visam colmatar algumas falhas da educação formal ou informal, potenciando competências</p>

pessoais, sociais e relacionais, assim como de prevenção, ajuda e reinserção.

Uma vez que a população-alvo é oriunda de contextos desfavorecidos, o trabalho feito no terreno procura que pessoas tomem consciência das suas necessidades (muitas vezes ocultas) e potencialidades, de modo a que elas próprias sejam agentes activos na sua superação. A máxima do projecto é promover em cada educando a sua educabilidade e a sua educatividade.

Com base num levantamento e análise de necessidades delineou-se um conjunto de actividades, baseado numa intencionalidade (superação das necessidades identificadas, definição de objectivos, planos de acção), a implementar de forma metódica e sistemática. As actividades que pautam este projecto são, igualmente, direccionadas a um público específico (crianças, jovens, famílias, técnicos).

Embora algumas das acções decorram na instituição escolar, a maioria é desenvolvida num espaço externo à escola, é no fundo uma educação aberta e sem “paredes”.

Concluindo, o espaço que o projecto ocupa, embora tenha uma especificidade própria, vive da relação estreita e continua que estabelece com os agentes que se integram na educação formal e informal, ou seja, professores, familiares, vizinhos, entre outros.

- 37 O Projecto (...) privilegia, intencionalmente, uma intervenção estratégica, de carácter não-formal, de âmbito educativo, formativo, psicossocial e cultural, junto dos seus destinatários de referência, provenientes de contextos sócio-económicos desfavorecidos e problemáticos, identificados por situações de acentuado abandono e insucesso escolar, iliteracia, desqualificação, desemprego e desresponsabilização familiar, com a intenção de cativar o gosto para aprender a fazer, a ser, a empreender, descobrindo, interpretando, criando, questionando. Promove processos de aprendizagem, adequados a um ou vários elementos, tendo em conta idades e níveis de ensino, ritmos e dificuldades, interesses e necessidades, de forma contextualizada, aberta, abrangente e flexível, centrada no aprendente, em espaços comunitários, num tempo dedicado, por motivação intrínseca, numa lógica de reforço comunicacional e relacional, facilitador de desenvolvimento e aquisição de conhecimentos, de competências e valores diversificados, perspectivando uma melhor inclusão escolar e social.
- A estratégia de educação não-formal utilizada, em conformidade com as orientações explícitas do Programa Escolhas, prefigura uma resposta educativa distinta do sistema formal de ensino/aprendizagem, e está assente em princípios de desenvolvimento pessoal, social e profissional de cada indivíduo, enquanto sujeito activo de transformação de si próprio, dos outros e dos contextos. Partindo da identificação de motivações, necessidades, histórias de vida e experiências significativas de aprendizagem, à luz de um referencial estruturado, organizado e orientado, segundo critérios metodológicos e actividades negociadas, desenvolve-se um plano de acção individual e/ou grupal, de carácter lúdico-pedagógico, com objectivos gerais e específicos a atingir, enquanto processo educativo e formativo diferenciado, de práticas, conducentes à melhoria de (re)conhecimentos e de participação activa, em iniciativas individuais e colectivas.
- O recurso a metodologias activas, não convencionais/escolares, de pesquisa e construção de sentido, numa lógica de trabalho de projecto, em equipa ou individualmente, com recurso a partilhas intergeracionais, interpessoais, de escuta activa e de diálogo, de auto-avaliação, de auto-crítica, de debate de ideias, de criatividade livre ou orientada, pela sua natureza aberta, afectiva, personalizada, flexível e construtivista, evidencia dimensões de aprendizagem não-formal, com acentuado enfoque no protagonismo dos aprendentes, como modo de valorização e reconhecimento de diferentes culturas e valores identitários, traduzidos em práticas experienciadas.
- A ideia feliz de aprendizagem ao longo da vida permite encorajar a permanente co-construção de comportamentos e atitudes promotoras de saber ser, estar, fazer e viver, em sociedade, em cidadania. No confronto contínuo da pessoa que sou e que posso ser, no que faço e no como posso fazer, no que quero vir a ser, se constroem e orientam escolhas mais reflectidas e mais conscientes da pessoa em processo, em projecto de vida, a caminho de si, desde criança, conferindo-se uma nova oportunidade e sentido à educação não-formal.

	<p>É intenção do projecto provar que a educação não-formal, tendo, embora, uma dimensão educativa reflectida e organizada, em consonância com os objectivos previstos, pode desempenhar um papel crítico e questionador da educação - formal, programática, classificativa, massificadora, portadora de muita exclusão.</p> <p>A educação não-formal tem, assim, o desafio de provar que pode ser este o caminho, para a inclusão de todos, uma vez sensibilizados para aprender a gostar de aprender, reconquistando os seus direitos e deveres, como agentes de transformação, no domínio da prática e da experiência no terreno, da participação activa, da inovação ao alcance do fazer de cada um, na busca de ser com os outros mais competente, mais exigente, mais cidadão, visando a igualdade de oportunidades e o reforço da coesão social.</p> <p>Em conclusão, partindo da ideia do texto em análise, refiro o interesse de problematizar a Educação, o sistema de ensino/ aprendizagem, enquanto processo ilimitado, no tempo e no espaço, incluindo, de pleno direito, as dimensões formal, não-formal e informal, como igualmente importantes, para o balanço de competências, a construção do conhecimento e a aprendizagem ao longo da vida, abarcando a globalidade do universo da educação. Qualquer processo ou actividade educativa deveria caber nas categorias referidas, atribuindo significado aos currículos ocultos, dando reconhecimento e visibilidade aos saberes adquiridos pela via da experiência de vida.</p>
<p>38</p>	<p>Parece claro, pela leitura do texto sugerido, a dificuldade dos diversos autores em estabelecerem contornos fronteiriços entre os conceitos de Educação formal, Não Formal e Informal.</p> <p>No preenchimento do questionário (efectuado antes da leitura do texto), também tínhamos mentalmente estruturado a ideia da tripartição dos conceitos e uma definição conceptual muito semelhante ao proposto por Coombs e Ahmed.</p> <p>Para além disso, a educação Não Formal, em comparação à formal, serviria <i>para superar os problemas não resolvidos do sistema formal de ensino</i>.</p> <p>Para além de todos os critérios enunciados pelos diversos autores, que possam delimitar e definir os conceitos, tornando-os mais compreensivos, <i>intencionalidade, universalidade, instituição estruturação, metodológica, estrutural</i>, entre outros, importa atender à contextualização em que os processos de educação formal e Não formal são estruturados.</p> <p>Desta forma, contextualizando-os no seio do Projecto (...) foram estruturadas e planeadas actividades que consideramos se adequarem às práticas da Educação Não Formal, havendo, no entanto, alguma miscibilidade com os restantes processos educativos.</p> <p>É o caso dos Cursos Preparar para Vida, destinado aos jovens entre os 17 e os 24 anos, que não terminaram a escolaridade mínima obrigatória e que não possuem quaisquer competências, fundamentais para a sua integração no mercado de trabalho. A formação do curso surgiu como tentativa de resposta para os jovens que não encontravam lugar no sistema formal de ensino, as Oficinas de Competências, que pretende treinar as competências de forma sistematizada e planeada e ainda as actividades de mediação escolar e familiar, passando pelos grupos de encontro, as dinâmicas de grupo com adolescentes e jovens, até ao acompanhamento psicossocial. Assim, pretendemos desenvolver competências pessoais, familiares, escolares, sociais e profissionais junto dos diferentes destinatários da nossa intervenção (crianças, jovens, familiares, professores e auxiliares de acção educativa) com o intuito de desenvolver aptidões e competências essenciais a um sucesso efectivo. Tendo em conta os três vértices prioritários de acção do projecto (jovem, família e escola), através da educação não-formal, pretendemos aproximar os diferentes contextos de vida trabalhando para o mesmo objectivo a inclusão e integração pessoal, social, escolar, familiar e profissional.</p>
<p>39</p>	<p>A educação não formal no contexto do projecto (...) aparece em todas as actividades do mesmo. As nossas actividades são estruturadas, organizadas, orientadas para um grupo específico, têm uma duração delimitada no tempo, não são de presença obrigatória e os participantes não são avaliados no sentido escolar, ou seja não lhes é atribuída uma nota.</p>

	<p>Um dos nossos grandes objectivos é aumentar o sucesso escolar, mas para conseguirmos isto temos de nos desviar do modelo escolar e temos de nos aproximar das praticas lúdicas para conseguirmos dar-lhes bases escolares.</p> <p>Temos também de trabalhar com eles a sua motivação para que participem activamente nas actividades e para que seja valorizado o que eles sabem e seja melhorado o que ainda não sabem.</p> <p>Aquilo que nos pareceu mais significativo no contexto dos projectos do programa Escolhas foram a motivação intrínseca, não obrigatoriedade, trabalhar conceitos e valores, acreditar nas potencialidades.</p>
40	<p>No [projecto], a educação não-formal está presente a diário, consideramos este tipo de aprendizagens das mais salutares e das que se mostram muito mais eficazes e duradouras.</p> <p>Á medida que outros tipos de aprendizagens, acaba por ficar “esquecida”, as aprendizagens não formais, pelo seu carácter, acabam por ser mais espontaneamente memorizadas e o processo de recuperação dessas memorizações muito mais rápido e eficiente.</p> <p>Os saberes adquiridos de forma não formal, muitas vezes é desvalorizado, o que acaba por penalizar e pode fazer com que este tipo de metodologias seja menos utilizadas.</p> <p>Parece-nos enquanto equipa que a forma como se encara esta questão está a mudar no nosso país e que se começam a dar mais valor a estas metodologias.</p> <p>Achamos que, em projectos como o nosso, este tipo de aprendizagens são os mais válidos e eficazes, uma vez que o carácter informal acaba por amenizar muitas vezes o peso das avaliações e o medo de falhar.</p>
41	<p>Após reflexão conjunta, a equipa do Projecto (...) chegou às seguintes conclusões gerais:</p> <ul style="list-style-type: none"> – O projecto procura promover uma participação activa e voluntária, centrando o processo educativo nos intervenientes principais. Pretende-se deste modo, potenciar a sua motivação intrínseca para a participação no projecto; – Paralela e de forma complementar ao sistema de ensino formal/tradicional, o projecto pretende propiciar actividades de cariz educativo em que a organização, sistematização e o planeamento constituem importantes componentes; – Na definição das actividades e objectivos, distanciamos-nos da rigidez do sistema de ensino formal, levando em consideração as especificidades de cada interveniente e flexibilizando/adequando os meios para atingir os objectivos propostos... <p>Em suma e seguindo uma lógica de educação não formal:</p> <p>O projecto pretende impulsionar, ao longo destes três anos, processos diversos de transformação pessoal e social.</p>
42	<p>Comparando com a educação formal, a educação não-formal, em termos metodológicos, parte mais da experiência, dos interesses e das capacidades de cada um, permitindo uma maior adaptação do conteúdo a ser transmitido ao grupo aprendiz.</p> <p>A educação não-formal, no âmbito do projecto (..), está sempre presente na medida em que diariamente se trabalha com os jovens, de forma estruturada mas também</p>

	<p>flexível, no sentido de este adquirirem competências, tanto a um nível mais técnico (ex. oficinas de desenho e oficinas de fotografia), como ao nível do desenvolvimento de competências pessoais e sociais - pela forma como se tentam imprimir outras dinâmicas relacionadas com o exercício de uma cidadania activa e de uma maior consciência dos direitos e deveres de cada um e do todo.</p> <p>Nas distinções que se apresentam entre a educação formal, não-formal e informal, concluímos que a educação informal, estando em “todo o lado”, é menos permeável à educação formal, do que à educação não-formal.</p> <p>No âmbito das actividades desenvolvidas pelo projecto, embora predomine a educação não-formal, verificamos que a educação informal está também presente... revelando-se na forma como os jovens interagem entre si e com os monitores.</p>
<p>43</p>	<p>No âmbito do nosso projecto poderíamos definir educação não formal como um processo de aprendizagem social. Aquando da candidatura e no desenrolar de todas as actividades estas são programadas e pensadas com as crianças/jovens nestas existe um processo dinâmico de auto-conhecimento, auto-reflexão e avaliação (não julgamento).</p> <p>O projecto (...) abrange um leque vasto de idades dando primazia à heterogeneidade, sendo transversal a educação informal, uma vez que permite de uma forma aberta aprendizagens para o futuro. Desta forma os horários, os espaços não podem ser rígidos.</p> <p>A educação formal também tem um papel importante uma vez que trabalhamos em parceria com a escola e temos de dar apoio nas questões formais de aprendizagem.</p> <p>Pegando no artigo 2 do Regulamento do Programa Escolhas, temos de ter presente que a relação não-formal, formal e informal estão patentes no desenrolar do projecto e são complementares.</p>
<p>44</p>	<p>Após a leitura dos textos e da sua discussão pela equipa do projecto (...), estas são as nossas conclusões:</p> <p>Tendo em conta que a escola representa o papel da educação formal (escola) que a educação informal decorre em contextos como a família, o espaço de amigos, outras relações, ... o projecto (...) tem como objectivo ocupar um “terceiro espaço” no qual será aplicada uma educação não-formal para com os destinatários.</p> <p>Desta forma, são desenvolvidas actividades que visam potenciar as competências pessoais e sociais, através de uma educação não-formal, prevenindo e contribuindo para uma melhoria ao nível do risco a que os destinatários estão sujeitos.</p> <p>Através do nosso trabalho, conseguimos canalizar as energias da população-alvo para actividades para as quais têm potencial ou poderão vir a desenvolver esse mesmo potencial, motivando-os a deixar as situações de risco e valorizando aquilo que para outros pouco ou nenhum valor terá...</p> <p>Com base no levantamento de necessidades do Diagnóstico Social da Rede Social da Nazaré e, posterior análise das mesmas, delineou-se um conjunto de actividades que permitissem superar as necessidades identificadas. Para além disso, foram definidos objectivos e planos de acção, os quais têm vindo a ser implementados por esta equipa de forma metódica e sistemática.</p> <p>Embora algumas das acções decorram em meio escolar, a maioria é desenvolvida num espaço externo à escola, o espaço do projecto ou outros, ... é uma educação para todos. O projecto (...) tem vida própria mas, não se esquece do mundo que rodeia os destinatários e, estabelece uma relação próxima com os agentes que se integram na educação formal e informal, ou seja, professores, familiares, vizinhos, entre outros.</p>

45	<p>O nosso projecto versa sobre o apoio a indivíduos mais carenciados e excluídos sempre numa lógica de responsabilização e de potencialização das suas capacidades, tentando desenvolver nos mesmos o espírito de autonomia. Pretende-se que sejam capazes de criar estratégias que lhe permitam ultrapassar as suas dificuldades e sejam eles mesmos os motores de implementação do seu projecto de vida e da sua adequada integração na comunidade. Como tal a educação não formal é a forma mais utilizada por nós no dia a dia.</p> <p>As actividades do projecto estão estruturadas de forma contínua e com objectivos específicos mas com uma flexibilidade significativa de modo a que cada indivíduo possa ter a possibilidade de escolher o que quer fazer, de acordo com os seus gostos pessoais, o que não implica uma atitude informal perante o processo.</p> <p>Apesar de as actividades, de carácter sobretudo lúdico, terem um ambiente informal, a educação é não-formal porque há uma forte carga de objectivos a cumprir e a desenvolver, como sejam as competências pessoais, os valores sociais e democráticos e o incentivo ao desenvolvimento de uma metodologia participativa, em que os jovens se querem como actores na organização e avaliação das próprias actividades.</p>
46	<p>O Projecto (...) surge de um conjunto de problemáticas e necessidades de intervenção identificadas no contexto de uma instituição de acolhimento de crianças e jovens provenientes de contextos sócio-económicos vulneráveis e/ou sujeitos a medidas de promoção e protecção.</p> <p>Neste sentido, um dos objectivos do Projecto incide justamente sobre o desenvolvimento das potencialidades das crianças e jovens e de aprendizagens não-formais, através da dinamização de:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Actividades lúdico-pedagógicas (por exemplo, Oficinas de Vídeo e de Rádio, Cinema Comentado e outras actividades dinamizadas no âmbito do CID@NET); – Actividades de expressão artística (nomeadamente, Oficina de Poesia, de Banda Desenhada, de Desenho, de Expressão Plástica); – Teatro; – Clube ambiente; – Actividades desportivas (sobretudo, Treinos e Jogos de Basquetebol); – Actividades de mobilidade (como Passeios e Campos de Férias); – Actividades de participação cívica (designadamente, o Jornal, os Painéis Informativos, a participação no Programa OTL do IPJ). <p>Além disto, o Projecto está a apoiar o desenvolvimento de um Programa de Promoção de Competências de Autonomia e de Apoio à Transição para a Vida Activa, destinado a um grupo de jovens inseridos numa Casa de Autonomização, que visa a integração profissional e social dos jovens e a sua preparação para a autonomia de vida.</p> <p>Por último, através da criação e dinamização de um Grupo de Desenvolvimento Pessoal e Profissional, destinado aos profissionais que acompanham a rotina diária das crianças e jovens em acolhimento institucional, o Projecto (...) promove a educação não-formal deste grupo de profissionais (destinatários indirectos) de elevada e extrema importância, na medida em que se constituem também como agentes privilegiados de educação informal.</p> <p>Por estas razões, o Projecto (...) está plenamente inserido na lógica da educação não-formal uma vez que desenvolve actividades educativas intencionais, adaptadas aos interesses e motivações das crianças e jovens, devidamente estruturadas, organizadas, orientadas e direccionadas para um público-alvo específico. O seu objectivo vai além da ocupação dos tempos livres, mas ambiciona o desenvolvimento de aprendizagens não-formais, complementares aquelas que as crianças e jovens podem adquirir no âmbito da educação formal e reforçando, ainda que de forma indirecta, a própria educação informal.</p> <p>Esta não será a nossa definição de educação não-formal, mas a nossa tradução da mesma em intervenção. Por vezes, é tão complicado definir, como traduzir em acções as inúmeras definições...</p>

47	<p>Após a leitura e discussão do texto proposto, para a abordagem do tema e sua consequente definição no âmbito do nosso Projecto, foram tiradas as seguintes ilações:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Existe um entrecruzar, na aquisição e sistematização de conhecimentos, consequente do trinómio Educação Formal, Não Formal e Informal. – No contexto do trabalho desenvolvido, tendo em conta os objectivos de combate ao absentismo e abandono escolares, inclusão social e igualdade de oportunidades, bem como as características psico-sociais dos destinatários, parece-nos que a definição de Poizat(2003) que considera a Ed. não Formal tratar-se de "actividades ou de programas organizados fora do sistema escolar estabelecido, mas dirigidos para objectivos precisos de educação", aquela que é consentânea com a actividade no terreno.
48	<p>O projecto (...) considera que a Educação Não Formal assume uma importância vital no seu âmbito de intervenção.</p> <p>De facto, é através das diferentes actividades que se implementam e dinamizam, que o (...) desempenha o seu papel de agente educativo não formal no processo educativo dos seus destinatários.</p> <p>Somos da opinião de que a frequente desvalorização da escola como principal agente das práticas educativas formais sentida no contexto em que este Projecto se insere, atribui uma importância acrescida à Educação Não Formal. Não obstante, o [projecto] tem uma relação privilegiada com o agente principal da Educação Formal, na medida em que se desenvolvem esforços no sentido de complementaridade das acções educativas que são desenvolvidas.</p> <p>Parece-nos, portanto, que a abordagem da Educação Não Formal permite uma maior aproximação aos destinatários do Projecto, assim como uma atribuição de significações e valorizações de carácter mais positivo às práticas educativas tradicionais.</p>
49	<p>Após a leitura atenta do texto proposto e da reflexão conjunta realizada, concluímos que no projecto (...) a educação não-formal surge como elemento contextualizador de todo o projecto. Isto é, a sua organização parte dum conjunto de práticas estruturadas, denominado referencial de actividades, com objectivos concretos e claros, que se desenvolvem num espaço completamente diferenciado do da educação formal - ambiente lúdico-pedagógico - Animóvel (veículo adaptado e equipado, com uma imagem apelativa, que se constitui como um espaço agradável). Utiliza, como forma de implementação das diferentes actividades desafios colocados às crianças e jovens, metodologias activas onde se fomenta a participação e forte envolvimento dos destinatários.</p> <p>Note-se, ainda, que a educação não-formal no nosso projecto cria, também, pontes com a educação formal, uma vez que existem actividades que permitem uma complementaridade e apoio entre a Escola e o Animóvel. Paralelamente criam-se momentos de educação informal com a partilha de experiências e vivências dos destinatários. É, para a nossa equipa, importante sublinhar que esta aprendizagem informal é, também, por parte de cada um de nós, técnicos do projecto, na medida em que muito temos aprendido com as crianças e jovens que participam activa e empenhadamente neste processo de desenvolvimento de competências.</p>
50	<p>A educação é acima de tudo a base de toda a construção humana. Num sistema social como o Português, onde nos pautamos por normas rígidas de ensino, a “Educação Não Formal” (ENF) surge como uma lufada de ar fresco onde cada um de nós, crianças, jovens e adultos podemos aprender segundo a nossa própria natureza.</p> <p>A ENF no Projecto (...) está patente numa lógica de continua adaptação das actividades aos destinatários presentes no momento das mesmas. A partir dos objectivos gerais do projecto, dos objectivos semanais e das actividades previstas, procura-se uma constante integração do binómio sujeito-espaço/actividade.</p> <p>Acima de tudo procura-se a promoção de bem-estar e aquisição de valores de todos os que nos procuram, não descurando jamais a promoção de competências psico-sociais</p>

	<p>em cada um deles.</p> <p>As grandes vantagens encontradas pela equipa passam pelo facto deste tipo de enquadramento educacional fomentar uma melhor memorização e recuperação de aprendizagens, ser adquirida em termos sociais, poder ser transversal a características pessoais (sexo, idade, nacionalidade, entre outros) e sociais (tempo, espaço e objectivos) e pautar-se impreterivelmente por uma verdadeira dedicação dos agentes que a produzem.</p>
51	<p>Após reflexão sobre o conceito de Educação Não-Formal, agilizando com as experiências da equipa técnica, <i>in e extra</i> Projecto (...), definimos o conceito como um processo de aprendizagem comunitária. Parece-nos que esta é a valência que melhor caracteriza caracteriza as actividades desenvolvidas no âmbito do [projecto], na medida em que, não obstante a importância e transversalidade de todas as vertentes onde se transparecem as aprendizagens adquiridas (e. g. domínio social), somos da opinião que o sentir por parte destas crianças, jovens e respectivas famílias, se constituirá numa presença e envolvimento com a comunidade muito mais pacífica e motivadora que se poderá aglutinar numa verdadeira inclusão. Consideramos crucial investir nesta vertente educativa "sem amarras", dando possibilidade de criar, crescer e, acima de tudo, cimentar as <i>raízes</i> que se irão perpetuar pelo futuro fora.</p>
52	<p>No projecto (...) acreditamos que a educação não formal se revela como um importante instrumento de formação, que parte do indivíduo, do que são as suas motivações e o seu empowerment, no esforço contínuo de promover aprendizagens positivas que valorizam as suas competências pessoais e sociais, o espírito crítico e a participação cívica.</p> <p>Assim, e uma vez que o projecto se pretende como uma alternativa aos sistemas educativos mais comuns e regulares, procuramos nas idiossincrasias de cada destinatário construir currículos alternativos, através da promoção de actividades sistematizadas, que cruzam temáticas mais flexíveis e criativas (dança, artes plásticas, música – <i>Oficin@rte</i>, ABC, <i>Actualiza-TE</i>) com actividades com um carácter mais formal e de certa forma mais linear (curso certificado de TIC).</p> <p>Aquilo que verificamos é que recorremos a uma educação não formal como forma de nos aproximarmos dos destinatários, construindo uma metodologia de aprendizagem que tomamos como mais eficaz, apelativa e com melhores resultados ao nível da aplicação prática e quotidiana de conhecimentos.</p>
53	<p>A educação não formal no contexto do projecto (...), principalmente atendendo aos beneficiários que pretendemos abranger e às especificidades que lhe estão associadas é, sem dúvida, um dos aspectos inovadores ao nível da estratégia de intervenção a implementar. Desta ênfase resulta uma forma de potenciar o trabalho realizado a diferentes níveis na triologia que é jovem/ família e meio.</p> <p>Desta forma, verificamos que existem actividades explícitas de educação não formal no nosso projecto quando, por exemplo, desenvolvemos ténis de mesa ou acesso livre à Internet, ou um programa de competências pessoais e sociais, como modo alternativo de levar os jovens a adquirirem conhecimentos, a (des)construir (pre)conceitos, a aplicá-los noutros contextos, a optarem por percursos de vida alternativos.</p>
54	<p>O contexto em que se insere o nosso projecto, desde logo sugeriu que as estratégias a utilizar passariam pela Educação Não Formal. Aliás os pressupostos da Animação Sociocultural em que assenta o nosso projecto, assimilaram as vantagens da Educação Não Formal.</p> <p>Neste contexto para nós novo, era importante percorrer o caminho que vai de “estranho e hostil” a alguém que é amigo e companheiro. Esse sinuoso caminho só foi possível percorrer através de práticas que sugerem o reforço e cooperação em relações de grupo e comunidade.</p> <p>Como integradoras e acima de tudo pelo reconhecimento de que existem muitos constrangimentos e obstruções no crescimento e desenvolvimento do Eu enquanto sujeito social e activo, que vão muito para além do trabalho que é desenvolvido numa base formal, assumimos as potencialidades destas práticas.</p>

55	<p>Sobre a educação não-formal, a equipa do Projecto (...) gostaria de tecer, neste forum, algumas considerações resultantes da reflexão realizada (cruzamento dos dados teóricos e da acção no âmbito do Projecto).</p> <p>Assim, no contexto do Projecto (...), a educação não-formal pode ser definida como o mais importante pilar da sua acção, já que este tipo de educação se caracteriza por ser estruturada, organizada, planeada e, sobretudo, por ter subjacente uma <u>intencionalidade pedagógica e educadora</u>. Neste quadro, consideramos que a intencionalidade pedagógica e educadora que está por detrás das actividades e acções levadas a cabo é o elemento mais importante da educação não-formal.</p> <p>Para além disso, refira-se que dentro do modelo de educação não-formal são privilegiadas e reconhecidas, pela equipa, as abordagens comunicacionais informais. Estas abordagens distinguem-se da educação informal pela intencionalidade que lhes é inerente.</p> <p>No nosso ponto de vista, uma característica relevante da educação não formal é que esta se apoia quer na educação formal, quer na educação informal. Assim, apoia-se e faz a articulação com ambas. Apoia-se e surge na intersecção de ambas. É permeável. Ganha espaço e reconhecimento porque tem intenções e metodologias específicas. É eficaz porque ao fazer um constante vai-vem com a educação formal e informal, contextualiza as suas acções nos contextos/modos de vida dos indivíduos.</p>
56	<p>A Educação não-formal surge no Projecto (...) como um dos principais alicerces, para o nosso trabalho como Equipa Técnica Multidisciplinar. Encontramo-nos perante uma população com carências a vários níveis, mas a mais evidenciada nas nossas crianças, jovens e respectivas famílias, é sem dúvida uma necessidade imensa de suprir as suas carências educativas. E face a esta realidade, é nosso firme desígnio promover a igualdade de oportunidades e reforçar a coesão social.</p> <p>Queremos promover a vontade, a necessidade e o desejo de aprender. Na visão do nosso projecto, a aprendizagem ao longo da vida inclui reflexão, experiências e uma atitude de aprendizagem activa, que contribuam para o desenvolvimento das competências das nossas crianças, jovens e famílias.</p> <p>A equipa defende inteiramente o Art.º 29, da Convenção dos Direitos das Crianças: <i>"A educação tem como objectivo desenvolver a tua personalidade, talentos e aptidões mentais e físicas. A educação deve, também, preparar-te para seres um cidadão informado, autónomo, responsável, tolerante e respeitador dos direitos dos outros"</i>.</p>
57	<p>Uma das finalidades do Projecto cria visa a promoção de uma inclusão escolar de sucesso e, como tal, pretendemos ir ao encontro dos alunos, das famílias, dos professores e da Escola, influenciando simultaneamente o seu ambiente Sociocultural. Pode dizer-se que serve de suporte para a Escola como uma estrutura de apoio escolar e educativo, utilizando várias estratégias para atingir os objectivos traçados. A Educação não formal surge como a base de todo o trabalho que realizamos no terreno, essencialmente porque acreditamos que “o direito à educação é, sobretudo, o direito de aprender. Não basta estar matriculado numa escola. É preciso conseguir aprender na escola” (Sion, 2005).</p> <p>A criação de um Centro de Recursos Itinerantes pressupõe de imediato a mobilidade e a possibilidade de realizar várias actividades em vários locais. Um desses locais é a própria Escola, um espaço marcado pela formalidade e pela regularidade, mas que, através da intervenção do Projecto, ganha novos contornos – as crianças têm acesso a actividades mais difusas, menos hierárquicas e burocráticas. Para além disso, têm acesso a uma Educação direccionada para o seu desenvolvimento individual, bem como para a convivência saudável entre si.</p> <p>Podemos considerar que toda a educação é de certa forma uma educação formal, no sentido de ser intencional, no entanto, adoptamos inteiramente, nas nossas actividades, um carácter não formal – as actividades são organizadas e sistemáticas mas apresentam flexibilidade, ou seja, respeitam as diferenças e as capacidades de cada criança e como tal não são actividades estanques, estão em constante mudança à medida que vamos conhecendo a realidade de cada um dos destinatários.</p>

A Educação Formal pressupõe ainda um determinado nível de “autoridade”, enquanto que, ao adoptarmos os pressupostos básicos da Educação não formal, consideramos que elegemos uma “autoridade sem autoritarismo, uma neutralidade benevolente e uma empática compreensão para os afectos mais complicados de viver” (Strech, 2000).

A Educação não formal no projecto não se define de forma concreta, não nos deparamos com um conceito específico. Posto isto, definimos a nossa intervenção como a mais simples forma de educar: através de dinâmicas de grupo e jogos lúdico-pedagógicos.

A taxa de negligência e maus tratos nos destinatários do projecto é consideravelmente alta, reflectindo-se basicamente na agressividade e comportamentos violentos por parte dos mesmos. Posto isto, entendemos que através da Educação não formal podemos proporcionar, às crianças abrangidas pelo projecto, uma vivência diferente do que estão habituadas; pudemos ser uma “asa gigante” que as ‘protege’ e as faz voar por entre o verdadeiro mundo das crianças – a alegria, a brincadeira, o faz-de-conta, as gargalhadas.

Alguns Direitos/ Muitas Ingenuidades

- Todas as crianças com mais de cinco anos têm o direito a desabafar;
- Todas as crianças que andam na Escola têm o direito a serem alegres, a terem amigos e a brincarem com os outros. Têm o direito de ter uma Professora que não grite com elas;
- Todas as crianças têm direito a ter um colo onde se possam sentar, enroscar como uma concha e receber mimos;
- Todas as crianças têm o direito a não ficar sozinhas a chorar;

In Strech, 2000, *Crescer Vazio*.

Todos os adultos têm o Dever de reaprender a voar com elas!!

58 O nosso projecto tem como principal finalidade “Educar e Qualificar” crianças e jovens provenientes de meios sócio-económicos mais desfavorecidos, proporcionando-lhes a inclusão social e a igualdade de oportunidades.

Neste âmbito promovemos actividades paralelas e em complemento com a escola com o objectivo principal de melhorar o seu desempenho ocupacional no dia-a-dia (para além do desempenho escolar, centramo-nos também a nível do desempenho familiar social, cultural...).

Desta forma, desenvolvemos uma educação/formação não-formal que consiste na realização de actividades relevantes, para o adequado desenvolvimento bio-psico-social da criança/jovem, que não se limitam a um espaço e/ou período de tempo específicos, e nem apenas a uma área de intervenção. Educação não-formal acontece em actividades como o apoio pedagógico complementar e actividades de enriquecimento social, onde o convívio e troca de experiências são fundamentais para a valorização pessoal do indivíduo.

Os nossos objectivos não se restringem a favorecer apenas a aprendizagem da literacia. Pretendemos acima de tudo, uma formação a nível dos valores familiares, sociais e culturais, entre outros, proporcionando às crianças/jovens um ambiente motivador, securizante e enriquecido de diferentes experiências, para que possam desenvolver características sociais assertivas e no futuro, possam ser cidadãos qualificados a vários níveis, que tenham uma autonomia eficaz e funcional, visando contribuir para uma sociedade mais justa, próspera e igualitária.

59 Posteriormente à leitura atenciosa do documento “Sobre a Educação Não-Formal”, a equipa técnica procedeu à sua análise.

Como sabemos, o Programa Escolhas “...visa promover a inclusão social de crianças e jovens provenientes de contextos sócio-económicos mais vulneráveis...”. O projecto (...) tem como público-alvo crianças/jovens imigrantes dos PALOPS, Brasil e Europa do Leste, com dificuldades a nível sócio-económico, afectivo e cultural, e com elevadas taxas de absentismo e abandono escolar.

Tendo em consideração a igualdade de oportunidades que todas as crianças/jovens devem ter, o nosso projecto torna-se fundamental na vida das mesmas porque trabalhamos no nosso dia a dia com o intuito de lhes proporcionar essas oportunidades.

No nosso projecto a Educação Não-Formal tornou-se uma resposta muito importante a esta população, sendo que é a área estratégica de educação desenvolvida na Oficina Lúdico Pedagógica das Ciências e Tecnologias.

Este é um espaço de actividades lúdico pedagógicas interdisciplinares com o currículo escolar, destinada ao ensino e aprendizagem experimental das ciências e tecnologias aeroespaciais e ambientais. Nesta Oficina o aluno desenvolve trabalhos na área do aeromodelismo, astromodelismo/foguetões, astrobiologia, robótica, astronomia e ciências ambientais, através do manuseamento de vários materiais e ferramentas oficinais e tecnológicas (papel, tintas, computador, madeiras, entre outros).

Ao analisarmos o texto não encontramos numa definição apenas da educação não-formal que corresponda à forma como a desenvolvemos no nosso projecto.

Concordamos com os autores Coombs e Ahmed ao referirem que a educação não-formal é **organizada** e **sistemática**. Na Oficina, todas as actividades são devidamente organizadas e utilizam uma metodologia específica. São igualmente **reflectidas**, **orientadas** e **estruturadas** para o público-alvo de intervenção, para **subgrupos particulares de população** (supra mencionados).

Segundo a Comissão Europeia este tipo de educação “...**decorre em paralelo aos sistemas de ensino e formação e não conduz**, necessariamente, **a certificados formais**...”. As actividades da Oficina, mesmo sendo desenvolvidas numa escola, não se incluem no plano curricular dos alunos e não confere certificados formais.

Concordamos igualmente com o facto da educação não-formal assumir, como é referido no texto, **intencionalidade**, ter **objectivos de aprendizagem**, e ser um **processo educativo diferenciado**. A Oficina Lúdico Pedagógica como actividade de educação não-formal, tem objectivos gerais e específicos previamente delineados, sendo que a sua planificação metodológica vai de encontro às necessidades da população de intervenção. Esta actividade é específica e diferenciada do programa escolar, sendo uma actividade de tempos livres com uma importante componente científico educativa, no domínio do ensino e aprendizagem experimental das ciências e tecnologias, que proporciona ao público-alvo o desenvolvimento de competências interpessoais, oficinais, instrumentais e a aproximação a diferentes práticas oficinais e profissões. É uma actividade **limitada no tempo** (uma das características da educação não-formal salientada por Vazquez).

Consideramos importante referir alguns aspectos ressaltados pela Direcção de Juventude e Desporto, nomeadamente, o facto deste tipo de educação ser **centrada no aprendente**, depender da sua **motivação**, sendo que este se **voluntaria** para a actividade, e o facto de ser um sistema que **complementa a educação formal**. A Oficina Lúdico Pedagógica centra-se na criança/jovem/aluno e é uma actividade que complementa, sem dúvida, a educação formal pois o aluno aplica conteúdos interdisciplinares como a Matemática, as Ciências da Natureza, a Educação Visual e Tecnológica e a Físico-Química. As actividades lúdico pedagógicas interdisciplinares com o currículo escolar, têm um contributo muito significativo no processo educativo dos alunos e sucesso escolar. Tal deve-se ao facto destas actividades terem uma diferente metodologia de ensino, onde os conhecimentos são adquiridos por intermédio da prática “Fazer e experimentar”. O desenvolvimento destas actividades lúdicas cujo processo de aprendizagem é do tipo não-formal complementa o sistema de educação formal.

Todos os alunos que participam nesta actividade fazem-no voluntariamente. É importante referir que existe uma grande afluência de alunos o que permite um trabalho continuado e uma maior valorização das suas competências e aprendizagens.

A educação não-formal envolve o *desenvolvimento de competências* sendo que o *aluno não é julgado*. Na Oficina trabalha-se no sentido da criança/jovem desenvolver competências oficiais /instrumentais, pessoais, e sociais. Ao executarem os trabalhos oficiais e experimentais os alunos encontram-se numa situação real de trabalho equiparada a várias profissões (áreas trabalhadas, mecânica, electrónica, desenho técnico, pintura, soldadura, informática, várias engenharias desde a aeronáutica, espacial, robótica, entre outras). Estas actividades permitem o despiste e desenvolvimento vocacional. Ao desenvolverem determinados trabalhos, conseguem adquirir diversos conhecimentos e competências que lhes facilita não só a aprendizagem dos conteúdos (matérias) curriculares como proporciona igualmente um maior desenvolvimento a nível das capacidades cognitivas (raciocínio, concentração, atenção).

A participação na Oficina Lúdico - Pedagógica das Ciências e Tecnologias proporciona aos alunos o conhecimento sobre várias áreas sócio-profissionais (artes e ofícios / tecnológicas), alargando o seu leque de escolhas futuras.

Perante as dificuldades que o aluno apresenta, a equipa técnica trabalha por forma a que este as ultrapasse, e consiga evoluir, sem nunca o julgar. Trabalhamos de forma a que o aluno não tenha o medo de errar. Não queremos com isto dizer que o aluno não seja avaliado, pois é efectuada uma avaliação qualitativa, de qualquer forma, é uma avaliação diferente, que não tem o “peso” que o tipo de educação formal exige. A nossa avaliação vai no sentido de orientar o processo de desenvolvimento da criança/jovem. É de salientar ainda que o reforço positivo constante da equipa técnica ao aluno, através da valorização das competências e aptidões que são identificadas, é um ponto crucial no sentido de lhes apresentar alternativas profissionais.

Consideramos, no entanto, que no nosso projecto e embora utilizando a educação não-formal nesta actividade, haja hierarquia. Não no verdadeiro sentido da palavra como uma “distribuição ordenada de poderes” mas como uma delimitação de espaço entre os técnicos e os alunos. Esse espaço entre uns e outros está delineado. Encaramos esta delimitação fundamental na educação das crianças/jovens para que estas consigam para além de alargar as suas competências, perceberem que existem regras e normas, algo que necessitam de interiorizar, mais ainda quando não as adquirem no seu meio familiar. De qualquer forma, e porque não consideramos que o “poder” normalmente conferido à imagem que os alunos têm do “professor” (aquele que grita, suspende, manda e expulsa) seja a mais adequada a seguir, aquela que tentamos passar é a de pessoas que estão constantemente interessadas em ouvir, dialogar, sempre presentes para esclarecer dúvidas quer escolares, quer da sua vida quotidiana.

As outras actividades do nosso projecto não são referenciadas no presente texto porque estão integradas no projecto curricular de turma (sistema ensino oficial). No entanto, não queremos deixar de realçar a importância que damos no nosso trabalho, em todas as actividades, à educação encarada informal. Isto porque o nosso projecto enfatiza a importância da relação e do diálogo. A equipa técnica fornece às crianças/jovens novos modelos de relacionamento entre si e com os técnicos. A relação de confiança existente entre alunos e a equipa técnica tem facilitado e auxiliado consideravelmente a comunicação entre si.

Queremos com isto dizer que (analisando a definição de Coombs e Ahmed) se a educação informal é um processo que se prolonga ao longo da vida onde a pessoa assimila conhecimentos e atitudes através das suas experiências no meio que as envolve, e sendo que nós para além de técnicos estamos presentes para ajudar os alunos na resolução dos problemas da sua vida (privada) quotidiana, tentando sempre dialogar por forma a que percepcionem a vida de melhor forma, então somos igualmente, “agentes de educação informal”. Somos alguém que faz, como se apresenta na Comissão Europeia, “um acompanhamento da vida quotidiana”.

Pretendemos ainda referir que pensamos que o facto de, até ao momento, termos alcançado resultados muito positivos, passe pela nossa visão abrangente sobre o que é e no que consiste realmente (e deveria consistir no geral), a educação. Temos tentado trabalhar no sentido de mudar a visão existente no sistema educativo no território onde desenvolvemos o nosso projecto. Como trabalhamos numa escola de segundo e terceiro ciclos, a nossa perspectiva sobre a importância da educação não-formal, torna-se mais acentuada. Tal acontece porque conseguimos obter uma visão e avaliação mais real sobre a educação formal e não-formal. É de salientar que a educação não-formal tem auxiliado os alunos relativamente aos seus comportamentos e atitudes em sala de aula, bem como no seu processo de aprendizagem.

Embora estejamos cientes e percebamos quais as diferenças entre os três tipos de educação, bem como a forma como estão inseridos nas diversas actividades do projecto, não percebemos a educação como algo estanque e, no nosso quotidiano, não estamos constantemente a tentar perceber e a “encaixar” que tipo de educação é esta ou

aquela, não concentramos toda a nossa atenção na sua tipificação. O que fazemos no nosso trabalho, é tentar adequar o tipo de educação a cada caso particular, tendo em consideração a especificidade de cada criança/jovem.

É de salientar ainda que, e como Vazquez refere, não se pode ver a educação “como um processo limitado no tempo e no espaço”. Num país em constante desenvolvimento e com o passar dos anos, não se pode considerar que o que era a educação há uns largos anos atrás se adequa aos dias de hoje. No nosso ver, o que aconteceu com a educação foi o facto de se assumir que não tem que haver grandes mudanças em termos de ensino porque, anteriormente, este resultava. No entanto, a constante mudança social implica necessariamente que tudo se altere. O seu desenvolvimento torna não só importante como imprescindível, que a educação mude igualmente.

Consideramos que é muito importante mudar o método de ensino no nosso país, às necessidades de cada população específica. Perante um levantamento de necessidades e de especificidades, encontrar uma forma mais adequada (porque não passar por uma conjugação da educação não-formal e educação formal???) de conseguirmos, em conjunto, encontrar estratégias para que os níveis de absentismo e abandono escolar não se tornem cada vez mais alarmantes.

Porque não modificar esta indiferença pelo meio escolar das crianças/jovens de hoje? Porque não transformarmos a escola de algo desinteressante para um local que lhes faça despoletar o interesse em descobrir coisas novas, despertar o interesse em ser para sempre aluno e aprendiz da sua própria e fascinante existência???

60 Relativamente à proposta apresentada nesta oficina, o Projecto (...) apresenta as suas reflexões:

- 1) Desde logo, e tal como o texto da oficina foi sugerindo em diversas passagens, o conceito de educação não-formal não é semelhante para todos os membros da equipa. Por outro lado, ficámos a perceber, igualmente, que são mais as dúvidas que temos do que as certezas sobre a definição deste conceito e de quando e como ele deve ser aplicado no terreno. Percebemos que nos falta algum "know-how" sobre este conceito, o que nos dificultou a nossa reflexão. Mesmo assim, conseguimos chegar a um consenso sobre o que cada um de nós entende sobre a educação não-formal, e sobre a sua aplicação no próprio Projecto (...).
- 2) Deste modo, entendemos como educação não-formal todas as acções educativas realizadas fora do sistema de ensino formal, que tenham um sentido pedagógico e que visem a aprendizagem individual ou de um grupo de pessoas, alargando os seus conhecimentos e promovendo o desenvolvimento de um conjunto de aprendizagens e competências pessoais, sociais, relacionais e afectivas, na pessoa ou no grupo.
- 3) Sendo assim, a educação não-formal é aplicada constantemente na dinâmica do Projecto (...), pois, todas as nossas actividades realizadas fora do âmbito escolar formal, têm como propósito um sentido pedagógico junto da população participante. E esse sentido pedagógico foi sempre assumido em todo o projecto, desde a sua concepção à sua aplicação no terreno. Ora, como é que isto se concretiza então no projecto? desde logo, por assumirmos que nenhuma das nossas actividades existe por existir ou por mera ocupação de tempos livres. Deste modo, estipulamos logo desde o planeamento das actividades que objectivos pedagógicos e aprendizagens pretendemos promover junto da população participante, a par das competências que pretendemos trabalhar com a população. Assim, a dinamização de um torneio de futebol, por exemplo, é algo mais do que apenas um jogo de futebol - trata-se de promover uma série de aprendizagens e de competências junto da população nessa actividade, por exemplo de organização, de logística, das regras a cumprir, de comportamentos e posturas a ter na actividade, cumprimento de horários, manuseamento de materiais, etc, etc.

Trata-se, assim, de promover a educação na população nos mais diversos contextos das suas vidas para além dos contextos da educação formal.

Porque, como diz o velho ditado, estamos sempre a aprender, mas, sobretudo porque acreditamos na perfectibilidade do Ser Humano, na capacidade que todos temos de melhorar, de sermos melhores, e de aprendermos nos mais diversos contextos e ao longo de toda a nossa vida.

Como sugestão, gostávamos de saber o que os colegas da Equipa de Formação que nos acompanha pensam sobre a educação não-formal e receber algum feed-back das reflexões que vão sendo produzidas neste fórum.

61	<p>A Educação Não Formal, da forma como a entendemos no [projecto], está presente em todas as nossas acções: desde a realização de actividades de animação propostas e dinamizadas pelos jovens, até ao grupo de pais – onde se trabalham competências de parentalidade – passando pelos diversos <i>ateliers</i>.</p> <p>A grande diferença que sentimos em relação à educação formal, apesar das fronteiras entre ambas não serem estanques e de elas estarem interligadas, é que na educação não formal os intervenientes actuam de forma conjunta, não obstante existirem papéis definidos.</p> <p>O Conhecimento é adquirido COM as pessoas que têm um papel activo não só no processo de aprendizagem em si, mas também na elaboração dos conteúdos a abordar, bem como na estruturação das próprias actividades pedagógicas.</p> <p>Consideramos de extrema importância um conhecimento mútuo entre todos os intervenientes e uma permuta permanente de informação. Para que, por um lado, as nossas actividades vão ao encontro das necessidades reais dos destinatários e, por outro, estes, ao serem parte activa na planificação e realização das acções pedagógicas, as enquadrem nos limites da nossa linha de actuação.</p> <p>No (...) há um fio condutor em toda a intervenção, mas como tão bem dizia Antoine de Saint Exupéry: “<i>O essencial é invisível aos olhos.</i>”</p> <p>Para nós Educação Não Formal é educação de inclusão. Não é uma alternativa à escola ou a qualquer outro sistema de ensino, mas sim, uma forma de educação complementar que, deverá funcionar como factor promotor da inclusão escolar e profissional, objectivo central do projecto.</p> <p>O projecto (...) é... Relação; motivação, capacitação e estímulo à aproximação do sistema de educação formal; recurso válido e efectivo para a criação de um Projecto de Vida, pois acreditamos que, como disse <i>Sêneca</i> “<i>Quando se navega sem destino, nenhum vento é favorável</i>”.</p>
62	<p>O projecto Encontros surge como uma resposta complementar à educação formal, baseada em princípios e metodologias de intervenção substancialmente diferentes.</p> <p>Destacam-se alguns dos princípios e metodologias que o projecto Encontros partilha com a educação não formal:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Tendo como objectivo último a inclusão social dos destinatários do projecto, são envolvidos diferentes grupos de destinatários, tais como: crianças, jovens, pais, professores, comunidades nas várias fases do projecto: planeamento, intervenção e avaliação. Existe uma lógica de solidariedade entre os vários grupos de destinatários, participando cada grupo de uma forma directa ou indirecta na monitorização da intervenção com os outros grupos (Ex: os jovens da EB2+3 de Moura participam no planeamento e concepção das actividades de animação de recreios nas EB1 das aldeias). – Os espaços e tempos de intervenção são diversificados e adaptados às idiossincrasias das pessoas e dos grupos. Desde o recreio das EB1 com as crianças até às salas de festa das colectividades locais com todas as comunidades, passando pelos encontros temáticos com os técnicos de intervenção sócio-educativa. – As actividades pedagógicas desenvolvidas são centradas nas características, interesses e necessidades dos participantes. A aproximação e conhecimento mais profundo dos destinatários é uma ferramenta imprescindível na intervenção. – O desenvolvimento de actividades em que o lúdico e o pedagógico andam de mãos dadas e cuja participação é voluntária, vive da motivação e atractividade que se consegue despertar para a participação. Para isso a abordagem da aprendizagem experiencial, aprender fazendo é um trunfo a par da relação que vai sendo construída com os intervenientes no projecto. – Os princípios da valorização da diferença e da solidariedade são transversais a todas as actividades e são alicerces da intervenção.

63

Depois de lido o texto e após a discussão à volta do tema e de como este é aplicado no nosso projecto a equipa chegou às seguintes conclusões.

A educação não formal serve de complemento à educação formal (mais institucional ou escolarizada), e distingue-se da educação informal, porque ao contrário desta existe planeamento específico como fim de alcançar determinado objectivo, ou seja, é programada e organizada, enquanto a informal acontece muitas vezes ao acaso, não existindo programação e organização.

Ao transportar este conceito para a realidade do nosso projecto foi fácil chegar à conclusão que a educação não formal se aplica a quase tudo o que fazemos: nas actividades de animação, nas oficinas de expressão artística, nas danças de salão, no grupo de teatro, na formação parental... e ao contrário da educação formal, a educação não formal está mais centrada na aquisição e interiorização de saberes do que propriamente na sua transmissão.

Este sentido pedagógico das actividades que realizamos foram tidas em conta desde a fase planeamento da candidatura até à sua implementação no terreno, tendo em conta a realidade social dos destinatários, as suas necessidades, os seus interesses, visando promover saberes e aprendizagens que melhorem as suas competências e práticas quer a nível pessoal quer a nível social.

Nada é feito ao acaso, mas também nada é imposto, apostamos no carácter livre das aprendizagens, pois acreditamos que a liberdade é um excelente meio de aprendizagem significativa, liberta o espírito, dá asas à imaginação e à criatividade eQuantos saberes não foram adquiridos com simples brincadeiras?

64

"...la educación no puede considerarse como un proceso limitado en el tiempo y en el espacio, confinado a las escuelas y medido por los años de asistencia" (Vasquez, 1998), surgindo a educação não-formal como "resposta educativa para superar os problemas não resolvidos do sistema formal de ensino" (Pinto, 2007).

No que diz respeito ao [nosso] Concelho (...) constatámos que, apesar de todas as melhorias ao nível da integração e sucesso escolar conseguidas através das actividades desenvolvidas, persistiam alguns constrangimentos associados a uma população envelhecida, em que os pais apresentam deficits ao nível das competências parentais. Isto reflecte-se num comprometimento do processo formativo dos jovens enquanto cidadãos de pleno direito.

Grande parte, se não a maioria, destes deficits não pode, de forma alguma ser unicamente resolvido pela educação formal, entendida como "highly institutionalised, chronologically (...) the upper reaches of the university (pag.6).

Deste modo, o projecto "Escolhas de Futuro" pretende com as acções previstas em sede de candidatura constituir-se, tal como definido por Rogers, "num conjunto de actividades educativas organizadas e sistemáticas desenvolvidas fora do contexto escolar, mas em complementariedade com este".

Assim, actividades como Oficinas de Expressão (Plástica, Dramática, Quem Conta Um Conto), elaboração de um Jornal, Oficina Cívica, Desporto para divertir, Visitas sócio-educativas, Ludoteca Itinerante, são algumas das actividades desenvolvidas no contexto da educação não formal.

A equipa considera que as aprendizagens proporcionadas pela educação não-formal são fundamentais nos nossos dias e no nosso sistema de ensino, cada vez mais preocupado com os conteúdos programáticos possíveis de avaliação formal, relegando para segundo plano outro tipo de aprendizagens não quantificáveis, mas igualmente fundamentais.

Neste sentido, gostaríamos de ressaltar a importância da Ludoteca Itinerante, quer no contexto da educação não-formal quer da educação formal. Ao brincar, a criança experimenta, descobre, inventa e aprende, estimula a curiosidade, a autoconfiança e a autonomia e, consequentemente desenvolve a linguagem, o pensamento, a concentração e a atenção. A ludicidade é um espaço que merece a atenção dos pais e dos educadores.

	<p>Para esta equipa, a educação não-formal parece-nos não só importante mas indispensável, especialmente numa sociedade cada vez mais distraída, displicente e "descartável" no que diz respeito a valores e atitudes. E como dizem os antigos "há coisas que não se aprende nos livros".</p>
<p>65</p>	<p><i>A educação não-formal</i> no contexto do projecto (...) é entendida/sentida como um instrumento essencial para a aplicação das práticas a que nos propomos. Esta surge no projecto como um processo consciente, sendo inculcada na acções que se desenvolvem (existe por parte da equipa a intencionalidade da promoção da educação não formal). Acreditamos que através da mesma atingimos muitos intervenientes, sendo que para os mesmos se torna mais fácil o entendimento das acções que se promovem, bem como, a passagem/partilha dos conhecimentos e das situações experimentadas.</p> <p>Para além do “protagonismo” que a escola ou a educação formal adquire dentro do projecto (...), salientamos que a aprendizagem através da <i>educação não-formal</i> torna -se crucial no trajeto de vida tanto dos jovens com os quais interagimos sendo, igualmente, constante a aprendizagem por parte da equipa técnica do projecto.</p> <p>As actividades do projecto AI-futuro pretendem promover junto dos intervenientes a noção da participação activa e com esta fazer um percurso de partilha de estratégias, de boas práticas, para a construção ou fortalecimento de uma conduta pessoal mais assertiva, confiante e consciente do Todo envolvente.</p> <p>Embora, a <i>educação não-formal</i> não seja classificável deverá ser entendida como um pilar da Educação e envolver esforços para que também esta (educação) tenha um papel de destaque nos projectos de vida de cada um de nós.</p> <p>A <i>Educação</i> facilita os processos de modernização das sociedades, pois, através das diferentes formas que a <i>Educação</i> pode assumir todas promovem o “fazer” o que torna inseparável o saber, a vida e o trabalho.</p>
<p>66</p>	<p>[o nosso], é um projecto que deu continuidade ao trabalho desenvolvido no projecto [anterior] e que se está a revelar como um projecto sólido e coerente que tem procurado aprofundar e melhorar a eficácia de estratégias de intervenção em parceria junto dos grupos mais jovens e mais vulneráveis da população ao nível do abandono e do insucesso escolar.</p> <p>Consideramos que estes aspectos só são possíveis atendendo a que o projecto tem como prática transversal a todas as actividades, uma metodologia de educação não formal, por exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Baseamo-nos no princípio de que os jovens são também agentes activos do seu processo de mudança; – Tentamos responder às diferentes expectativas e necessidades das crianças e jovens que é, pela sua própria natureza, diversificado; razão pela qual adoptamos uma série de estratégias que possibilitem uma aprendizagem diferente do modelo escolar: reuniões de planificação e avaliação com vista a uma melhor monitorização do projecto, trabalhos práticos, uma página web para o projecto, portfolios, trabalhos em pares sobre diferentes temáticas, etc.; – Tentamos ter uma estratégia orientada para a prática e apetrechar as crianças / jovens e famílias capazes de exercer as suas próprias competências e capacidades adquiridas nas diferentes actividades proporcionadas pelo projecto, pretendendo-se um efeito multiplicador, com impacto durante o decorrer do projecto; – Sendo o grupo de crianças e jovens bastante heterogéneo, a aprendizagem intercultural é também uma das características do projecto, permitindo contribuir para um dialogo e um desenvolvimento de competências interculturais. <p>O projecto (...) é um projecto que pretende influenciar de forma positiva a participação das crianças, jovens, famílias e professores que trabalhando de forma informal são levados a atingir determinados objectivos de aprendizagem.</p> <p>Um exemplo desta educação não formal é a actividade, consideramos nós, “Estudo à Medida”, que foi uma actividade que se revelou de grande importância tendo sido</p>

executada em co-responsabilização com os diferentes intervenientes no processo educativo das crianças e jovens. Conclui-se um ano lectivo em que se realizou um intenso trabalho ao nível da educação. Procurou-se combater aquilo que, há muito, está diagnosticado como um forte factor de exclusão social, também no bairro (...): o insucesso / abandono escolar precoce.

Ao longo deste ano estiveram connosco 33 jovens do 2º e 3º ciclos dos quais 24 transitaram de ano. Relativamente ao primeiro ciclo eram no Estudo à Medida 10 jovens dos quais 7 passaram de ano. Ao fim deste primeiro ano houve sucesso escolar em cerca de 75% das crianças abrangidas pelo Percursos Acompanhados.

Estes valores são reconhecidos como de grande importância principalmente junto de jovens para quem o insucesso escolar parecia constituir-se como a única alternativa.

O reconhecimento do trabalho realizado é assinalado em primeiro lugar pelos próprios jovens envolvidos que se demonstraram muito satisfeitos e alegres perante as notas. Também os próprios professores não se inibiram em elogiar os progressos feitos pelos meninos do [concelho].

Neste sentido, a actividade “Estudo à Medida” foi avaliada de uma forma contínua (avaliação *on going*), orientada pelos objectivos da mesma e, como tal, para a identificação de factores de sucesso e de insucesso do Projecto, a este nível. Para este processo avaliativo foi fundamental aferir continuamente os resultados obtidos, na escola, por cada criança/jovem (sendo este um indicador importante), para que o apoio de carácter individual que se estava a desenvolver pudesse ser adequado às dificuldades concretas apresentadas pela população alvo.

Assim, a avaliação tem vindo a desenrolar-se num contexto de participação dinâmica de todos os intervenientes. Através de reuniões com as crianças e jovens não só são partilhados os resultados da informação recolhida através de diferentes instrumentos, como nelas os/as participantes têm a oportunidade de expressar as suas opiniões quanto à actividade e aos problemas que têm na escola e possíveis mudanças como se pode ilustrar com os seguintes comentários: “eu acho que desde que vim para o CESIS mudei em tudo como o comportamento e as notas”, “tenho melhorado as notas”, “consigo fazer os trabalhos escolares”, “o que mudou foi que o ano passado tinha más notas e este ano tenho muito boas notas”.

Por outro lado, a avaliação envolveu, também, directoras de turma e os/as educadores/as sendo que a avaliação se pode traduzir na realização de (com as directoras de turma com o objectivo de se realizar os diagnósticos e as respectivas avaliações escolares), contactos pessoais e de reuniões onde se procura reflectir, também, sobre a importância da escola.

O projecto é ainda norteado por princípios orientadores que são a nossa linha de intervenção e que norteiam o nosso trabalho, tendo em conta um dos eixos do Programa Escolhas “Contribuir para a Inclusão Escolar e para a Educação não formal”:

- Trabalho “**passo a passo**” construído ao ritmo de cada jovem / pessoa e de acordo com as suas aspirações, os meios disponíveis e as soluções viáveis;
- **Valorização da/o pessoa/jovem** como ser único, com necessidades e motivações específicas, daí decorrendo a valorização das suas **potencialidades**, por contraponto aos seus deficits;
- **Participação activa** do jovem em todo o processo;
- **Visão holística** da pessoa, considerando não única e exclusivamente a componente educativa, mas as diferentes dimensões, nas quais podem residir, com frequência, alguns obstáculos ao sucesso escolar (família, necessidades básicas de sobrevivência, educação, saúde, habitação, protecção social, etc).

67 O Projecto (...) contém no seu plano cerca de 75% das suas actividades vocacionadas para a educação não formal, isto porque consideramos ser uma forma eficaz de trabalhar as competências pessoais e sociais dos indivíduos com que trabalhamos. Não os queremos dotar de competências escolares efectivas, até porque é esse o papel da escola, mas queremos que se tornem indivíduos mais capazes de responder às necessidades diárias, capazes de tomar decisões plenas de consciência, avaliar os riscos das

	<p>suas acções e acima de tudo, capazes de assumir as consequências dos seus actos.</p> <p>A educação formal assume um papel de destaque no projecto uma vez que julgamos ser uma via de trabalho que promove o reportório experiencial de cada individuo valorizando-os no trabalho grupal e social, sem nos esquecermos que a educação formal e a não formal caminham paralelamente. Com efeito, temos a necessidade de agregar ao ensino formal os conteúdos da educação não-formal, e todos os conhecimentos relativos às motivações, à situação social, à origem cultural, etc. Por isso, esta perspectiva de atuação dos técnicos tendo por base a educação não-formal procura cada vez mais uma relação estreita entre as diferentes propostas de educação existentes na sociedade.</p> <p>O que procuramos no projecto é “... uma nova cultura escolar que forneça aos alunos instrumentos para que saibam interpretar o mundo” (Touraine, 1997).</p>
<p>68</p>	<p>O [projecto] define Educação Não Formal, como uma estratégia e/ ou metodologia contrária a tudo o que levou a que a nossa população alvo se tornasse isso mesmo, população alvo, ou seja, muitos das crianças e jovens que acompanhamos tornaram-se objecto de trabalho por não se conseguirem adaptar, motivar, investir e comportar de forma adequada e contextualizada, dentro de uma realidade formal, com objectivos definidos e regras já pre-definidas e generalizadas.</p> <p>A Educação Não Formal, pode e deve então ser uma estratégia que acaba por respeitar ritmos, interesses, motivações, preocupações, medos e inseguranças, com regras definidas por cada grupo em cada contexto e em todos os momentos.</p> <p>No [projecto], a Educação Não Formal é "obrigatória".</p>
<p>69</p>	<p>No contexto do Projecto "Escolher Ser" desenvolveram-se actividades lúdico-pedagógicas que visam o desenvolvimento de competências pessoais, sociais e relacionais. Dentro desta lógica, o projecto procura promover a participação voluntária e participativa da população- alvo levando ao encontro dos destinatários muitas das actividades. Com isto, criamos actividades que fujam do sistema educativo rígido, promovendo iniciativas estruturadas de forma continua e com objectivos específicos, mas com flexibilidade para assim possibilitarmos as escolhas das nossas crianças e jovens de acordo com os seus gostos e interesses.</p> <p>Apesar de terem um carácter mais ou menos informal, há objectivos e cumprir e a desenvolver, bem como a participação directa dos destinatários na organização e avaliação das suas actividades.</p>
<p>70</p>	<p>Os principais propósitos do projecto (...) prendem-se com a promoção do sucesso escolar de crianças e jovens oriundos de meios socio-económicos mais desfavorecidos e proporcionar-lhes a inclusão social e a igualdade de oportunidades. Como tal, pretendemos ir ao encontro dos alunos, das famílias, dos professores e da escola, pois, consideramos, que paralelamente à aprendizagem dita normal ou formal, deve existir uma formação ao nível dos valores sociais, culturais e familiares.</p> <p>É neste âmbito que desenvolvemos uma educação não formal através da realização de diversas actividades. Estas, contribuem para um mais adequado desenvolvimento psicossocial das crianças e jovens, que, além de complementarem a escola, contribuem para uma ocupação diária mais motivadora, securizante e enriquecedora e dessa forma desenvolver todo o potencial do individuo e torná-lo mais qualificado a vários níveis.</p> <p>Em suma, consideramos que a educação não formal assume um papel fulcral no seu âmbito de intervenção. Uma vez que o projecto surge como complemento e alternativa aos sistemas educativos procuramos através das actividades quer de apoio pedagógico complementar quer de enriquecimento pessoal e social valorizar o indivíduo. Esta valorização é feita através da convivência e da permuta de experiências pois, só dessa forma, poderemos contribuir para uma sociedade mais próspera e igualitária.</p>

